RIO DE JANEIRO, 3 DE JUNHO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

RAMON NOVARRO

# CINEARTE

LILLIAN BOND
CINEARTE

# CINEARTE



O CINEMA, paraiso artifical." E' esse o titulo de um artigo em que Maurice Chapelan, na *Revue Mondiale*, estuda a luta que se estabeleceu entre o film silente e o film sonoro.

Por muito tempo, diz elle, o Cinema nos pareceu uma arte inferior, pouco digna de attrahir os espiritos cultos e dotados do senso esthetico. Aquella successão de photos animados parecia-nos propria apenas para interessar cerebros pueris ou a plebe ignara. Pois não é a imagem (jornal, revista, livro escolar, caricatura, cartaz, iconographia sacra mesmo) o meio mais commum de interessar a infancia e a multidão?

A força de suggestão da imagem torna inutil qualquer esforço intellectual. E da mesma forma que os simples raciocinam, osbretudo por meio de imagens, o Cinema devia rapidamente substituir o livro para o homem sem cultura e ordinariamente preguiçoso. Nada pois melhor que o Cinema para as mentalidades limitadas. A rapida successão das imagens sensiveis não deixa logar á imaginação do espectador. O dynamismo espiritual de cada uma dellas é destruido logo pelo da seguinte. Assim, em logar de estimular a nossa actividade intellectual, o Cinema contribue para destruil-a. Ao lado, porém, das tentativas de creações artisticas affirmava-se o valor educativo do Cinema documental, constituido não sómente com os films scientificos, industriaes, ou de puro exotismo, mais ainda com os grandes cine-romances de reconstituição historica. Posto que privados, por via de regra, de verdade humana e muita vez recheados de tolices, deram esses films com incomparavel precisão as visões do mundo antigo e medieval, a de uma batalha nos tempos d'antanho, de uma explosão revolucionaria, máo grado alguns deploraveis anachronismos que, apesar disso, não destruiam o valor do conjuncto. O verdadeiro caminho da arte silenciosa, entretanto, é mais além que deve ser perquirido. O seu verdadeiro campo, aquelle em que nada pode igualal-a é na *fantasia*, no fantastico. As mil e uma combinações possiveis, a sapiente utilização dos effeitos de luz e sombra, o corte apropositado das scenas, os effeitos da superposição, libertarão o cinematographo do jugo das leis physicas da vida. A audacia e o realismo de certas scenas nos parecem atenuadas e quasi submersas na suavidade da luz. O Cinema consegue commover-nos mantendo-nos na ideal atmosphera do sonho, perturbando-nos com um gesto, uma simples contracção de um musculo de rosto, mais patheticos do que um soluço.

Para explicar o logar conquistado pelo Cinema na vida moderna, não se pode invocar como já foi feito, a modicidade dos preços porquanto hoje o custo das entradas elevou-se em proporções nunca vistas. O poder de fascinação sobre as multidões (poder que o Cinema falado em breve fará desapparecer) tem causas mais obscuras e profundas. Para muita gente o Cinema occupa o logar de uma droga magica e pode ser classificado entre os *paraisos artificiaes*. Basta recordar alguns casos da chronica. Um dia, para arranjar o dinheiro para o Cinema um rapaz de 16 annos mata um velho de 80 annos para roubar-lhe uma ninharia. Outra vez um operario esgana um companheiro de trabalho que elle sabia possuir uma quantia insignificante.

HELEN WRIGHT

A sua *necessidade de Cinema* deveria ser bem violenta para leval-os a extremos taes. Excepção, anomalia, monstruosidade, vamos que seja tudo isso. As manifestações supremas de um phenomeno, porém, servem para o seu estudo, para fixar o maximo de uma escala, a sua graduação.

Que procuram os escravos do opio, da morphina, do alcool senão a evasão total, o esquecimento das contingencias quotidianas, a illusão de uma força moral que lhes falta? Affirme-se o mesmo do Cinema e dos seus amadores. Imaginae um operario embrutecido pela fadiga que chega em casa á noite. Que casa? Paredes nuas, moveis quebrados, janellas sem horizontes... E no meio dessas cousas os filhos sujos e a mulher embrutecida pelos trabalhos servis. Necessariamente, o operario tem para encarar essas cousas com resignação as lentes do habito. Talvez mesmo beba. Na tarde de sabbado vae, porém, ao Cinema. E ahi esquece-se por tres horas a vulgaridade de sua vida, embebe-se na contemplação das moveis imagens de um mundo maravilhoso, onde todas as mulheres são bellas e elegantes, as creanças felizes, as casas commodas.

Alma simples, identifica-se com a herva, com tanta maior intensidade de fé, quanto menos pode resistir á illusão. E á sahida, sem mesmo dar conta disso, imitará os gestos e o modo de ser da personagem. Accenderá o cigarro, concertará o *cache-col* ou o barrete com um gesto de grão senhor ou de canalha, conforme a qualidade do espectaculo. Ri, chora, freme, ama e é feliz mesmo na dôr porque vive fóra da realidade. Isso para a alma. O corpo, porém, mesmo esse tem a sua parte. A musica, a sombra, o fumo que se interpõe, novo véo entre a sua vista e a tela o ar pesado intoxicam o homem e essa intoxicação se manifesta por um estado de torpor singular, povoado de visões.

O Cinema embriaga, abrindo ao desgraçado, chumbado ás necessidades vulgares, as portas de uma segunda vida illusoria.

E essa ebriedade hebdomadaria torna-se para elle indispensavel a tal ponto, que, quando uma fatalidade della, o priva, elle experimenta, não sómente uma *contrariedade* mas ainda um *mal estar physico*. Nem todos felizmente chegam até ao delicto para satisfazer o desejo imperioso; muitos, porém, terão experimentado desde pequenos os symptomas do mysterioso *costume*. E o povo está muito proximo da infancia.

Mudo ou falante?

A nossa preferencia vae para o film silencioso.

O outro, bastardo audacioso, não pode ser nem bom Cinema, nem bom theatro. Parece-nos destinado a uma pretenciosa mediocridade.

A Desapparição da arte muda seria tanto mais deploravel quanto estava chegando a uma perfeição bem proxima de sua *formula classica*. O Cinema falado despoja-a de seus attractivos principaes; o dialogo rouba o prestigio da imagem que passa para o segundo plano. A' pintura, continua o autor, cujo artigo vamos resumindo, não exijo idéas, mas sentimento.

E' por esse motivo que gosto de Rembrandt, Watteau, Goya, Corot.

Assim tambem do Cinema espero que me commova com imagens, não com palavras. E' por isso que me agrada a *Senhora do Corvo* ao passo que o *Grande Desfile* me aborrece.

E' preciso não esquecer que o esforço intellectual não augmenta o extase esthetico, muita vez o estraga pela addição de um elemento extranho.

A admiração estuporada de um camponio deante de uma chromolithographia berrante de cores contém os elementos indispensaveis da commoção esthetica, talqualmente o elevado goso de um conhecedor deante de uma tela de Chardin.

O individuo que attingiu a um certo gráo de cultura pode julgar analysando o seu proprio eu interior da evolução daquelle sentimento e concluirá que um espirito bem equilibrado evolue lentamente para o classicismo.

A creança fica extactica em contemplação deante dos manequins de cera de uma loja de modas, ao passo que uma estatua erecta no meio de um jardim deixa-a perfeitamente indifferente.

Mais tarde acontecerá o contrario por isso que a maturidade nos avizinha do *essencial* dos seres e das cousas.

Volvendo, porém, ao assumpto, é de prever que as opiniões do publico se dividirão.

Haverá salões de projecção nos grandes bairros e outros em que terão salvaguarda as puras e bellas tradicções do Cinema silencioso.

E é bem possivel que as massas populares educadas conseguirão impor ás grandes emprezas productoras um *gosto* differente do do dinheiro.

# O PRINCIPE ENCAN

Era uma vez uma Princeza que amava um Principe. Se era Princeza e amava um Principe, por que é que não se casava com elle? Elle não a amava? Não queria ser seu esposo? Queria, sim! Queria talvez mais do que ella... Era de linhagem inferior? Não. Empobrecera? Tambem não. Tinha mais ouro, em seus Palacios, do que ella propria... O que havia?

Havia feitiço de fadas más. Ella o amava. Amava-o, mais do que a si propria, mais do que amam os passaros a liberdade e o sol radioso das manhãs de primavera. Mas sua madrinha, a Fada do Mal, não a queria v e r casada. Repugnava-lhe ver assim destruida a candidez de neve daquella ainda menina e não a queria ver suspensa aos labios apaixonados do seu amado Principe.

Que fazer?

Nem as Fadas têm segurança em si proprias, quando o amor consome os corações que querem preservar...

Imaginou o ardil. Procurou a afilhada:

— Ainda o amas?

— Mais do nunca.

— Ainda o queres para esposo?

— Quero! Quero sim, Madrinha! Vem trazer-me esta ventura- Vae dar-me, afinal, o seu consentimento?

— Sim e não.

— Não comprehendo.

— Vaes comprehender.

Achegou-a mais a si, mandou que avivassem mais as luzes que as rodeavam e deixou-se cahir, por segundos, em profunda meditação. Depois falou:

— Elle não te ama!

— Não o diga! Eu sei o quanto elle me quer!

— Duvido!

— Tenho a certeza!

— Porque tens a certeza?

— Porque elle é tão terno, tão bom, tão meigo, tão amoroso, tão fiel...

— E' um conquistador. Na sua côrte é tido como o mais voraz seductor de todo o sequito...

— Foi...

— E não te repugna seres a ultima?...

— Não. As mulheres dignas, todas ellas, sempre são as ultimas nos corações dos homens... Purifical-o-ei! Fal-o-ei só meu! Para sempre! Preso, enleado dentro dos meus carinhos que não o deixarão por um só momento...

Havia naquelle olhar, naquella expressão, naquellas palavras, alguma cousa que fez a propria Madrinha Fada pensar na felicidade daquelle ente.

— Posso pol-o á prova?

— Pode!

— Pois eu o farei! Verás, então, que elle nem siquer te ama... E' a tua innocencia que céga o seu instincto animal... E's pura demais, angelica demais, para que pertenças á um homem menos digno de ti. Provarei que elle o é.

A Princeza sorriu. Não se zangava com as admoestações de sua Madrinha. Sabia-a nervosa, exaltada, principalmente quando se tratava da sua felicidade. Deixou-a falar. Seu coração é que tinha certeza que aquella Fada, embora magica, não podia comprehender...

* * *

Passaram-se dias. Depois delles, procurou-a novamente a Madrinha.

— Já tenho meu plano feito.

— E qual é elle?

— Arriscado...

— Para quem? Para elle ou para mim?...

— Para ambos!

— Como?...

— Adormecer-te-ei profundamente, para seculos. Só voltarás á vida se te beijar um Principe! Mas se elle te beijar, inverter-se-ão os papeis! Ficará elle adormecido, durante seculos e tu salva, para sempre.

— E como o terei para mim, se assim o afastarás de mim?

— Não o afastarei de ti. Meu poder é immenso! Tirarei teu coração do peito e só t'o darei, de novo, quando elle outra vez viver... Assim não sentirás a sua ausencia e supportarás sem lagrimas a saudade... E' uma prova! Com ella me convencerei. Com ella, purificado para sempre estará o amor de ambos. Acceitas?...

A Princeza pensou um pouco. Depois respondeu:

— Não soffrerei saudades?...

— Não!

— Elle voltará, depois, para meus braços, para a felicidade eterna que lhe reservo?...

— Ainda que se passem seculos!

— Acceito.

Disse em voz contrita, submissa, admiravel de sacrificio por amor.

* * *

Dias depois, por todo reino, arautos annunciaram que adormecida estava a Princeza herdeira do throno. Adormecida para a vida toda, pela magia de algum genio ruim, se não apparecesse algum Principe heroico que por ella offerecesse a existencia, sacrificando-se para a vida eterna...

Correram dias. Apresentaram-se varios. Mas apenas curiosos... Os mesmos que já lhe haviam jurado fidelidade e sacrificio das proprias vidas, em festas e em versos de poemas, nem sequer delonge se approximavam, com medo do sacrificio...

E a pobre Princezinha adormecida não via o seu Principe approximar-se para o sacrificio...

Quando se approximava o prazo final, um dia, elle chegou. Vinha de muito longe, estivéra combatendo inimigos de seu Paiz e, quando chegara, ouvira tudo a respeito da desgraça que ferira sua infeliz adorada Princeza de cabellos louros. Sem descanço, tornou a montar. Correu ao encontro della.

A passos firmes, subiu os degraus immensos que levavam ao local onde se achava o caixão de vidro onde ella repousava. Quando se approximou, houve intensa curiosidade. Que faria elle? Faria o sacrificio, elle, um Pri... pe herdeiro, tão cheio de vida?...

O Principe parou diante do caixão. A pallidez da P... cezinha era de cêra. Tombou ao seu lado, vencido d... grimas, derrubado em soluços grandes como a sua pr... da dor. Depois, tragico, ergueu-se. Percorreu a sala co... olhos. Gritou, vehemente:

— Que é preciso fazer para salval-a?...

A voz de um arauto, firme, respondeu:

— Beijae-a nos labios, senhor! Ella voltará á vi... vós vos transformareis no que ella agora está: uma e... tua...

Elle recuou. Todos viram que não faria o sacrif... Mas elle recuara diante dos pensamentos que o assalta... Pediu a penna, o pergaminho. Trouxeram lh'os. Elle es... veu, escreveu pouco. Para seu pae, o rei, era a missi... Dizia que não voltaria mais, que ia marchar para a fel... dade...

Enviou a missiva pelas mãos de um pagem. Mand... abrir o caixão de vidro e diante dos estupefactos pres... tes e do espirito mais ainda surpreso da Madrinha da Pr... ceza, curvou-se, meigo e terno, martyr e glorioso, ca... lheiro e heroe, beijando em plenos labios, pela prime... vez, com immensa devoção, a doce figura de sua amada, ... sua Princezinha que até sua vida merecia...

Operou-se o milagre. Elle se petrificou. Ella voltou ... vida. Deitaram-no onde ella estava e puzeram-na a re... zer-se sobre uma poltrona. Quando ella se apercebeu d... que se passara, ergueu-se, violentamente, approximou-... Hirta, cahiu sobre o corpo insensivel do seu amado. De... ramou, sobre suas vestes, sobre seu rosto que beijava co... loucura, lagrimas profundas e g r a n d e s como brilha... tes. O desespero a invadia, bruto! Depois deu um gri... um longo grito. Agarrou o peito, tenazmente, como se ... guma cousa lhe estivesse arrancando. Depois cahiu e... profunda protração. Quando regressou á vida, nem sequ... olhou mais para o corpo inanimado do Principe. Dahi pa... diante não tinha mais coração... A Fada Madrinha hav... cumprido todas as suas promessas...

* * *

Hoje em dia, contemplando a figura mascula e nobr... de Celso Montenegro, tem-se a impressão exacta de que e... le é o Principe da phantosia, apenas neste seculo desper... tado do seu grande somno,, sempre á procura da sua Pri... ceza querida, aquella que perdera o coração para não so... frer a dor da saudade...

Parece, porque é, no rosto e nas attitudes, na educa... ção e nos modos, mais distincto do que o normal, mais f... no do que o commum. Não parece moço, apesar dos seus ca... bellos negros. Não tem jovialidade, apesar dos seus 2... annos. Não ri com prazer e, apenas mergulha nas suas re... cordações, já está novamente aborrecido, contrariado, ape... sar de sempre affavel e cortez.

Ha pessoas que o encontram e exclamam, em tom d... brincadeira:

— Principe! Como vae?...

Mas é isso mesmo. Lembra sempre um Principe, nã... sei se pelos seus olhos de um castanho escuro, se pelo... seus cabellos de ondas largas e bonitas, se pelo seu bigod... nho alinhado, ou se pela sua **pose** jamais derrotavel. Hou... ve outro que, vendo-o, pensou em escrever um scenario d... um film, para pol-o como barão do mesmo, figura centra... da historia... Sempre papeis de nobre, papeis onde a di... tincção e trato sejam attribuidos indispensaveis.

Em materia de amor, Celso lembra os mais desenco... trados pontos de vista. Ora lembra a luva que a espos... deixa cahir, sem o marido perceber e, dentro, traz o recad... com o logar e a hora do encontro, ou, em outras circums... ancias, as madeixas louras de uma menina cheia de r... mance que ainda sonha com Principes e o quer para m... rido... E' dos extremos oppostos. Ou a malicia comple... ou o platonismo mais agudo. Não é meio termo.

Na vida real, entretanto, Celso é um descrente ... existencia. Seus dias do passado, são alguma cousa qu... enfeixados em capitulos, dariam um romance de grand... qualidades. Conheceu soffrimentos varios. Sempre lut... pela vida! Sempre! Nunca nos contou o que foram ess... dias, mas os seus sorrisos amargos e as suas meias phra... ses falaram mais do que elle proprio, se falasse... Te... cousas de genio que o caracterisam. A's vezes irritadissim... soffre num segundo a transmutação e já se atira á brinc... deira declarada, mais parecendo uma criança. Depois vol... á irritação, torna-se novamente serio, deixa as brincadeir... e nem sequer sorri com a melhor piada.

Como artista, é extremamente sensivel. Não gosta ... ninguem espiando os seus ensaios e nem apreciando a s... representação. Gosta de ter o director ao seu lado, dizend... lhe ordem a ordem, aquillo que deve fazer e, quanto ma... gritadas forem as mesmas, tanto melhor elle as desemp... nhará. E' que se esquece de tudo, quando ouve a voz ... **"camera!"** e, surdo ao resto do que ali por perto se es... passando, apenas ouve a voz de ordem e, para que a ouç... é preciso que ella seja gritada. Assistimos a uma scena a... sim. Ensaiada durante cerca de 10 minutos, foi elle levad... pela mesma, ao paroxysmo maior do nervoso e, depoi... quando dada a ordem de machina, atirou-se á representa... ção com verdadeira furia, verdadeiro impeto. Represento...

**Celso no tempo da "Escrava Isaura"**

# TADO...

sentindo: gritou convicto de que estava gritando, mesmo, e exaltou-se, exaltando-se, realmente, a ponto de precisar descansar depois da scena, tão nervoso, tremulo e excitado ficou, vencido pelos nervos.

Leva demasiadamente a serio o seu papel e representa-o com animação, com enthusiasmo. Quer sahir sempre bem, procura os seus melhores angulos, naturalmente, e sabe defender-se quando contra-scena com collegas de valor.

No film, o seu papel é alguma cousa que elle sente. Faz um romancista desilludido que no maior da sua desillusão se encontra, na curva peor da existencia, com uma mulher que tambem se acha á beira do maior abysmo. A sua regeneração, pelo novo amor, um amor carnal e platonico, a um só tempo, é o thema restante do film e, todo elle, vive-o Celso com sublime comprehensão. O seu maior medo é gesticular demasiado, exceder-se. Diz que tem horror a parecer artista italiano e é por isso que ás vezes até demasiadamente sobrio é. Comtudo, move-se com naturalidade e absolutamente não se ennerva com o facto de estar em scena.

A sua carreira, no Cinema do Brasil, é curta, mas é brilhante: teve um dos principaes papeis em **A Escrava Isaura**, interpretando o papel de Leoncio, a figura central da historia, em torno do qual evoluem os romances de **Isaura** e **Alvaro** e, agora, é a principal figura masculina do elenco de **Mulher**..., ao lado de Carmen Violeta, a **estrella**. Entre estes dois films, quasi teve o primeiro papel do film **A's Armas!**, da Cruzeiro do Sul, tendo sido filmado, mesmo, em algumas scenas.

O seu futuro, no Cinema, é uma incognita. Incognita, porque alguns sorrisos enigmaticos de Celso revelam intenções de coração que fazem suspeitar qualquer mudança... Mas, ao mesmo tempo, sente-se vontade de que continue, porque é um excellente elemento e um dos mais esforçados. Já terminou todo seu papel, no film e, durante todo elle, portou-se com uma grande elevação de caracter e uma surprehendente boa vontade. E' verdade que é muito dorminhôco e bastante commodista, tambem, mas não se podia exigir outra cousa de um Principe... A sua boa vontade e o seu enthusiasmo, entretanto, supprem plenamente estes ligeiros defeitos.

Elle sempre quiz fazer um film para a **Cinédia**. Tanto quiz que, quando soube que a sua opportunidade se approximava, deixou S. Paulo, deixou familia, emprego e tudo, vindo para aqui. Collocou-se, em seguida e, até o instante de trabalhar, não fez mais do que se apresentar, diariamente, para conversar e para saber sobre o adiantamento dos planos de filmagem. Quando rodada foi a primeira scena de **Mulher**..., scena essa, aliás, feita num dia de intenso calor, Celso estava profundamente nervoso, immensamente commovido. Seus olhos transmittiam o que elle sentia. Era como alguem que procura a vida toda o seu ideal e, afinal, encontra-o, para sua satisfação.

Celso é muito dedicado aos seus **fans** e interessa-se por todas as cartas que lhe são enviadas. Pediu-nos que dissemos, daqui, que lhes vae responder, em agradecimento. Disse-nos, mesmo que são elles que o estimulam para o trabalho e por elles que se esforça o mais que pode.

Entre as suas qualidades, uma salta aos olhos: é modesto e não desprestigia o esforço de seus collegas. Por Carmen Violeta, então, teve verdadeira admiração e sempre della fez as mais elogiosas referencias, dizendo, sempre, que para representar ao lado della, é preciso ser bom artista, para não notar o publico a grande differença.

Das scenas de **Mulher**... que fez, todas representou com carinho. Mas algumas mereceram particular apreciação sua. Entre estas, a que representou com Carmen Violeta, representando o dia em que a encontra pela primeira vez. Viveu com absoluta naturalidade a sua scena e, ambos, naquelles momentos, se portaram com igual valor.

A sua musica predilecta, para os momentos de filmagem, foi a valsa "Nelly", com a qual fez as suas melhores scenas. Homem de coração callejado pelas situações que a vida sempre lhe impoz, nas suas lutas continuas, Celso não se commove facilmente e não sente as lagrimas. Mas algumas scenas fez com tanto sentimento, com tanta verdade, que as proprias lagrimas vieram aos seus olhos espiar o que estava passando...

E' um pouco do que pensamos delle. Não é entrevista. E' um ligeiro **sketch** da sua personalidade. **MULHER**... será a sua consagração e o complemento disto que estamos affirmando.

Celso Montenegro vae apparecer agora como galã de "Mulher" da Cinédia.

* * *

**Upper Underworld**, da First National, será interpretado por Walter Huston, dirigido por Rowland V. Lee e tem, no elenco, mais os seguintes nomes: — Doris Kenyon, H. B. Wanner, John Halliday e Dudley Digges.

**Air Police**, da Sonoart-World Wide, tem o seguinte elenco, sob a direcção de Stuart Paton: Kenneth Harlan, Josephine Dunn e Charles Delaney.

* * *

Lily Damita terminou seu contracto com Samuel Goldwyn e com a United Artists, consequentemente. Renovou-o a semana passada e fará, depois das promessas que tem com a RKO-Pathé, uma serie para a United.

* * *

Buzz Barton, Robert Frazer, Blanche Mehaffey, Charles King, Al Ferguson, Red Eagle e White Cloud, tomam parte em **The Mystery Trooper**, da Syndicate, dirigido por Stuart Paton.

"OS VOSSOS PRIMEIROS 50 FILMS"

(Continuação)

*Sub-titulo — Na estação.*

Esta scena póde ser um *shot* do nosso carro, no momento em que chega á fachada da estação.

Depois, um *close-up*, se for possivel, do "placard" mostrando a hora em que o trem deve chegar. Seguido de outro *close-up* no qual se vê o relogio da estação.

E então, alguns *shots* do movimento na plataforma, os carrinhos da bagagem em posição, etc.

*Sub-titulo — Lá vem o titio!*

Faça-se um *shot* do trem, no momento em que elle entra na estação. Para isso, colloque-se a Cine-Kodak na plataforma, a uma distancia conveniente da beira, aperte-se a camara contra o chão, e abaixe se a alavanca até que a locomotiva haja passado.

Ahi então, apanhe-se um *shot* do titio, no momento em que elle desce do carro e é abraçado por algum membro da familia.

Estamos agora no ponto em que se poderá incluir quantos *shots* se desejar, sobre os tempos que o tio vae passar comnosco.

Qualquer dos *shots* que fizermos agora, sobre a permanencia do nosso tio na nossa casa, irá parecer muito mais racional, visto que têm o preludio da sua propria chegada á cidade, e do seu desembarque na plataforma da estação ferroviaria.

XII

TITULO

*"O Encanto da Boa Musica"*

(Prepare-se este titulo, alinhando alguns desses blocos ou cubos em que se vêem as letras do alphabeto, e com que as crianças costumam brincar. Filme-se as palavras do titulo, photographando letra por letra, ou por outra,

# Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

alinhando cubo por cubo. Colloque-se, a camara sobre uma mesa, junto á beira, e incline-se a camara, para focalizar o chão, calçando a parte de traz com um livro ou dois, tanto quanto a gravidade o permitta. Depois, sobre o tapete, vá-se alinhando letra por letra, dando uma exposição de dois segundos, logo que um novo cubo tenha sido collocado no seu logar).

Faça-se em seguida um *close-up* das proprias mãos do operador, ligando e desligando o receptor de radio.

Depois, apanhe-se varios *close-ups* de diversos brinquedos, bonecos e animaes de madeira e panno, soldadinhos de chumbo, etc., que se animam e parecem reviver gradualmente, á proporção que a musica inicia os seus primeiros accordes.

(Esta scena pode ser feita movimentando-se os bonecos pelas juntas, ou melhor dizendo, avançando os diversos membros de um centimetro, depois de cada pressão rapida, na alavanca de exposição. Ou então, amarrando-se finissimas linhas ás pernas e aos braços dos bonecos, e provocando os movimentos com o auxilio desses fios. Embora a perfeição do movimento dependa dos nossos proprios esforços, o pouco commum do film, novidade attrahente, supprirá de sobra a nossa falta de habilidade.

Em seguida, mostre-se as proprias mãos desligando o apparelho de radio.

Depois, os differentes brinquedos cessando gradualmente os tregeitos, e á proporção que forem tomando as suas primitivas posições, faça-se mais alguns *close-ups*.

(Tudo isto que ahi fica representa, é logico, apenas uma fracção das possibilidades que os brinquedos offerecem a este genero de films. Um circo em miniatura pode apresentar uma "funcção" para os nossos espectadores. Um baralho pode "jogar" sósinho uma partida, sem meios apparentes de locomoção. Uma mesa pode "pôr-se" a si mesma para o jantar. Os ponteiros de um relogio podem girar desordenadamente á roda do mostrador. E tudo isso apenas com o deslocamento dos objectos por um centimetro ou menos ainda, antes de se apertar a alavanca do Cine-Kodak. O numero de exposições feitas durante cada nova posição e a amplitude de cada movimento são relativos. Quanto mais exposições, maiores e mais amplos os movimentos. Depois de uma ou duas tentativas, o amador ficará perfeitamente conhecedor desse novo e interessante genero de filmagem).

(Termina no proximo numero).

---

Frank Lloyd está trabalhando com Ernest Pascal, autor do argumento *The Age for Love*, na adaptação do mesmo para o Cinema. Este será o primeiro vehiculo de Billie Dove para a United Artists, de accordo com o seu novo contracto com Howard Hughes.

A R.K.O.-Pathé vae refilmar *Drussila With a Mallion*, que a ha annos fez com Mary Carr e Kenneth Harlan, nos principaes papeis.

*I Like Your Nerve*, da First National, terá a direcção de Robert Milton e Douglas Fairbanks Jr., no principal papel.

Ross Lederman foi contractado pela Columbia para dirigir o proximo film de Buck Jones.

(De Vás Tynoco, correspondente de **CINEARTE** em Joinville, Paris).

Alberto Cavalcanti, Brasileiro de nascimento, é um dos directores Cinematographicos, em França, que mais se salientaram, até hoje, pelos seus trabalhos conscienciosos e discretos em pról do Cinema-arte. Uma conversa com elle, portanto, representava para os nossos calculos, uma vantagem para os leitores de **CINEARTE**, que, sem duvida, interessam-se bastante por todos os Brasileiros que se mettem em Cinema e, principalmente, por aquelles que o fazem com successo.

Surprehendemol-o, na sua aprazivel vivenda, pleno domingo, num descanço patriarchal, pode-se dizer.

Diante delle, um realisador que tem offerecido ao publico francez boas horas de bom Cinema, sentimo-nos logo á vontade, tanto mais que elle é dos que mostram, ao primeiro relance, os gestos e os modos que só os Brasileiros modestos e de valor sabem ter semelhantes, caracteristicos, mesmo. Pedimos-lhe, antes de mais nada, que nos desculpasse a hora da visita, talvez impropria e declinamos, a seguir, a nossa qualidade de enviado especial de **CINEARTE** á sua habitação.

Alberto Cavalcanti tanto tem de porte, quanto de valor, quer pelo seu criterio artistico, quer pelo que de impressionantemente sobrio das suas maneiras, as mais simples. Depuzemos ao seu lado o nosso caderno de notas e preparamo-nos para indagar uma porção de cousas interessantes que são o adorno natural da sua bonita carreira.

Trocamos, a principio, algumas phrases desconexas, sobre assumptos varios e, em seguida, enveredamos pela sua biographia, que aqui vae relatada como elle nos relatou.

— Sou Brasileiro e conto, actualmente, um pouco mais do que 29 annos e um pouco menos do que 31... Vim ha já 18 annos para a Europa e aqui estudei architectura, diplomando-me pela Escola de Bellas Artes de Genebra, na Suissa. Meu pae, major do exercito Brasileiro, fellecido, era professor da Escola Militar e, sobre o assumpto, chegou a escrever, mesmo, varios livros. Meu irmão é actualmente um dos professores da Escola Naval do Rio de Janeiro. Tenho um tio materno, Alberto Rangel, que é um conhecido escriptor aqui em Paris.

Quando **monsieur** Agache, grande architecto parisiense, trabalhou na remodelação de Paris, trabalhei ao seu lado e o auxilliei no que foi possivel na parte decorativa dos seus trabalhos. Os meus seccessos, confesso, augmentavam, dia a dia e, talvez pela originalidade que sempre procurava dar ás minhas concepções, encaminhava-me, sem o querer, para o Cinema. Comecei, nelle, como decorador de montagens para varias companhias productoras francezas e extrageiras, como sejam, a Liberty Film, Braumberg Film, Lutetia Film, Paramount e outras. Dahi para director de Films, o passo foi pequeno. "O Defunto Mathias" e "Le Petit Monde", com Albatroz Pascal e Georges Pearson, successivamente, foram os meus dois primeiros trabalhos como director de decorações. Felizmente fui bem succedido e, a seguir, consegui outros maiores successos com **Captain Fracasse, Les Vacances du Diable, Chemin du Ciel, Toute sa Vie** e outros, dos quaes fui director de scena, além de ideador das montagens.

# Uma entrevista com Alberto Cavalcanti

Com o apparecimento do film falado, as versões extrangeiras que a Paramount começou a fazer aqui, puzeram novamente em fóco o meu nome e eu, por conhecer quatro idiomas, além disso sendo Brasileiro, fui escolhido, como um dos primeiros, para dirigir a primeira producção falada em portuguez que aqui se fez, **A Canção do Berço**. Confesso que sou contra as versões que se estão fazendo em Joinville. Sou porque ellas me têm dado serio prejuizo para o conceito que meu nome tem perante o publico e, principalmente, porque tolhem totalmente a independencia do director, tirando-lhe qualquer originalidade, sendo a marcha geral prévíamente traçada, cousa, aliás commum ás companhias que se apegam demasiadamente ao lado financeiro dos films. Foi por isto que o meu primeiro film em portuguez não espelhou a originalidade que eu lhe podia ter dado e, tambem por isso, que o seccesso foi apenas relativo quando podia ter sido cabal. Estes factos, bastante aborrecidos para mim, fizeram com que eu me afastasse radicalmente de tal collaboração artistica, pois não estou mais em situação de **copiar** versões originaes e, sim, de crear qualquer cousa nova dentro de assumptos embora explorados. Recusei novo contracto para 1931 e disto tudo posso lhe dar provas com os documentos que commigo tenho.

O director deve obdecer a originalidade do seu proprio estylo e com isto é que fará seu publico, ou **não**. Aquillo que não possa ser feito de accordo com o que eu sinta, daqui para diante, não é cousa que me interesse e nem entre nas minhas cogitações. A minha reputação artistica vale muito, para mim e não a posso perder apenas por uma centena de dollars. Além disso tudo, onde meus remorsos artisticos, depois disso tudo?

**Entramos com algumas perguntas, depois do intervallo que elle fez.**

**— Ha muito que não vae ao Brasil?**

— Ha oito annos, mais ou menos.

**— Julga o film sonoro uma victoria?**

— Sem duvida. Daqui ha dois ou tres annos, creio, serão apontados a dedo os films silenciosos do mundo todo.

**— Acha-o uma arte, effectivamente?**

— Acho. O film falado veiu encher a grande lacuna que existia na scena mimica. Não desejo 100% de voz, é evidente, mas desejo a palavra para resolver as situações que a minha mimica não possa suprir. Tenho dito aos productores daqui, nesta hora de febre maluca de producções, que Cinema não é theatro e que esta febre de adaptações de peças, operas e operetas, ainda vae resultar mal e trará serios embaraços e descredito para o renome do Cinema, fora varios claros nos borrões da propria deusa bilheteria... Quero o film synchronizado, parte falado e parte sonoro. Este, sim. Mas feito para Cinema e completamente ausente da technica de theatro.

**— Acha que o film falado ainda se pode aperfeiçoar mais?**

— E como não? O campo da questão é enorme e tão vasto para a intelligencia, que, confesso, não sei responder até quando irão as innovações a serem introduzidas. Acho que até 1940 o Cinema ainda muito terá para resolver...

**— Como acha possivel a industria Cinematographica no Brasil?**

Aqui ha dois pontos a responder. Como espectaculo, deve ser a primeira entre as industrias. Como centro de producção, o verdadeiramente genial. Bem poucos paizes, todos o sabem, possuem a natureza e o sol do Brasil. Com 10 milhões de francos, honestamente, um bom servidor da arte e do paiz, montaria um Studio onde quer que fosse e, com elle, enfrentaria um problema já por si só resolvido.

**— E seria capaz dessa empresa?**

— Por que não? Garanto que daria aos directores de semelhante empresa, dividendos como elles jamais haviam sonhado ter. Film, meu amigo, é a panecéa dos americanos!

**— Quantos films faria annualmente?**

— 150 a 160, seguros, com numero regular de Studios.

**O que poderia custar uma producção?**

— Conforme. Com um milhão de francos, por exemplo, pode-se ter um film riquissimo em montagens e cheio de situações esplendidas. Por 500 ou 600 mil, entretanto, podem-se fazer outros bem bons.

**— E que lucro dariam os mesmos?**

Ora, se você conta como film falado, veja os 43 milhões de Brasileiros e os 8 milhões de portuguezes e tire a média... Os lucros são desmedidos.

**De facto, no Brasil, o Cinema tem razões de sobra para existir, pensamos comnosco. E' um paiz onde o publico não falta ao guichet de entrada dos Cinemas, ainda que o alfaiate, o padeiro, o leiteiro e o carniceiro estejam em atrazo...**

**Depois destas considerações, comprehendemos que era tarde. Retiramo-nos, deixando Alberto Cavalcanti com suas refflexões importantes e voltamos para escrever estas linhas para os leitores de CINEARTE.**

# CINEMA ITALIANO

SEM OS "ULTIMOS DIAS DE POMPEIA" E "QUO VADIS"

Grazia del Rio e Armando Falconi em "Accroche Coeurs"

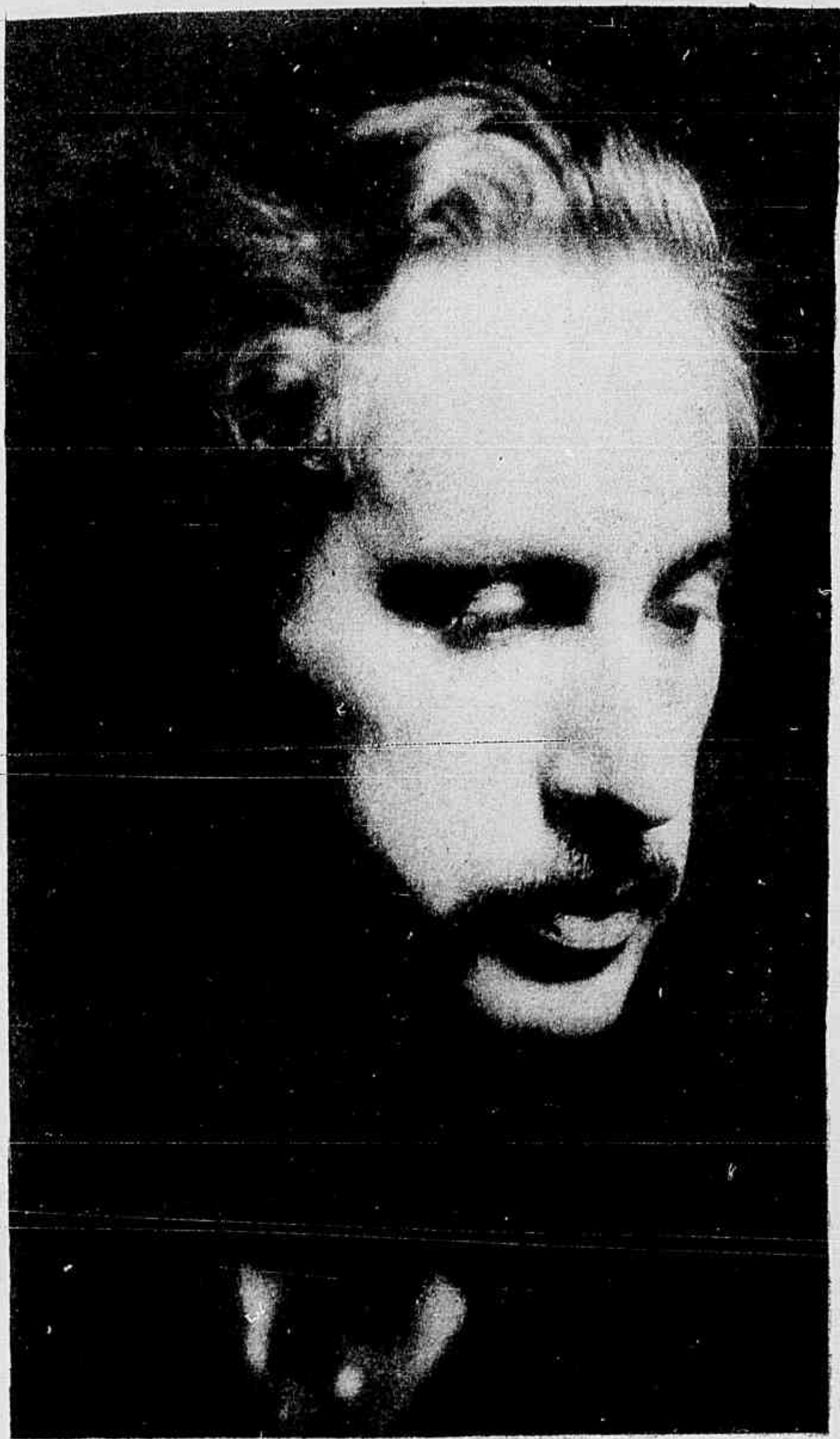
SCENAS DOS

FILMS

"TERRE NATALE"

"L'ETOILE DU CINEMA".

E OUTROS.

# O director de Marlene

Ha, em Hollywood, muitos directores com os quaes é interessante uma entrevista. Com Josef Von Sternberg, entretanto, é uma aventura. Entrar num set de Von Sternberg, sem ser annunciado, previamente, é a mesma cousa que penetrar na jaula de um leão...

Todavia, sexta-feira passada, quando **Dishonored** entrava no seu periodo final de filmagem, John Engstead, "consul" dentro da Paramount, conseguiu fazer-me penetrar no recinto occupado pela companhia que trabalhava sob as ordens de Sternberg. Na meia escuridão ali reinante, elle me offereceu uma cadeira e eu me sentei. Engstead recommendava-me que não fizesse o menor barulho e eu procurava o possivel para obedecer-lhe, evitando, assim, algum futuro aborrecimento. Comecei a annotar no meu caderno, em letras caprichadas, tudo quanto via, para ir, assim, matando o tempo. Detraz da **camera,** ao cabo de certo tempo, sahiu uma voz meditada, clara, vagarosa, mesmo. Era a voz de Von Sternberg, o director de Marlene Dietrich.

— Este negocio é desnecessario nesta parte de som! Devo isto á falta de enthusiasmo do meu chefe de som... Depois, é isso! Passa a manhã toda lendo poemas, poesias encantadoras...

— Dê-nos o trabalho!

Respondeu outro. Engstead informou-me que o ultimo que falara fôra Amos, o chefe de electricistas do conjuncto Von Sternberg. Jamais cessava de mascar **chiclets!** Deram-se novas ordens e, quando se accenderam as luzes, achei-me eu diante de um quarto de hotel, em plena Russia, com Lew Cody num dos cantos da montagem vestindo uma blusa azul e umas calças caracteristicas. A scena que elle fez foi de passos tropegos de um embebedado.

— Não! Não está bem! Faça assim.

E Von Sternberg sahiu do escuro onde estava e caminhou para a montagem. Parecia completamente bebado e fez a scena com grande verdade para Lew Cody apreciar. Depois deu-lhe uma palmada nas costas e voltou para onde estava, dizendo:

— Repita. Faça exaggerado. Vamos! "Camera!"

Fez-se silencio absoluto. Lew repetiu a scena, com perfeição, depois de seguir os conselhos recebidos.

— Muito bem. Corta!

Disse Sternberg.

— Ponha-as a dormir!

Rosnou Amos e as luzes foram dormir, realmente, menos uma, na forma anterior. Engstead avançou para Von Sternberg e pediu-lhe que falasse um pouco commigo. Elle veiu para perto de mim e parou a alguns passos de distancia.

— Como passa? Ha alguma cousa em que possa servil-o?

— Diz este livro...

Comecei e u , enfrentando o leão e mostrando-lhe o que tinha nas mãos.

— ...que o senhor perdeu, em Hollywood, todo o seu senso artistico de fazer films. Admiro-me disto e como o livro é europeu, queria saber a sua opinião a respeito.

Elle tomou o livro entre os dedos, admirou-o, depois. Emquanto isto, eu o admirava. Sempre elegante, Von Sternberg! Cabellos compridos, todos os seus signaes caracteristicos. Seus olhos, muito azues, denotam grande intelligencia.

— Uma cadeira, por favor.

Disse elle, voltando-se para um empregado qualquer que ali estava.

— Eu lhe digo...

E sentou-se. Fez varios commentarios sobre o tal livro. Terminou assim:

— Não é certo isso que diz o livro. Um film artistico faz-se onde quer que se encontre uma **camera** e um pouco de negativo.

Ahi appareceu Marlene e vinha toda enfeitada na sua vestimenta de russa. Ella fala inglez com um R muito accentuado. Gosta de Hollywood para trabalhar, mas não a aprecia, para viver.

— C o m licença. Apreciarei que me assista dirigindo Marlene. (Elle pronuncia Ma-lei-na). Venha quando quizer, tambem. Eu gosto de amigos assistindo ao meu trabalho, sabe? Mr. Lee! Ajude Miss Marlene subir ahi!

E afastou-se, depois da ordem. Acceitei o convite. Ella devia dizer uma phrase bem curta: "It is warm up here". Havia dois R na phrase. Ficaram, para fazel-a falar correctamente, perto de uma hora ensaiando duramente a pronuncia, até que se satisfizesse o director. Marlene embrulha muito os R e fala-os com accento demasiadamente allemão. E, quem ali perto de mim se achava disse-me que o mesmo martyrio se dava durante todo o film. Preciso mencionar, aqui, cousas que correm por Hollywood como certas, para tirar algumas deducções. Dizem, por exemplo, que Von Sternberg "descobriu" Marlene em New Jersey, levou-a para a Allemanha, comsigo e, lá, "descobriu-a" novamente, só para ter mais sensação... E u falei com muitos que tomavam parte no **set** de **Dishonored.** Muitos diziam mal delle, principalmente porque elle é extremamente energico e violento. Mas concordavam num ponto: "Tem cortado muita cousa formidavel dos dialogos! Mas muita!". Se Von Sternberg corta dialogos de grande valor, — é o meu commentario — só porque Marlene tem infinita difficuldade em falar bem certo, emquanto a aperfeiçôa dia a dia para falar correctissimamente; se elle tem todo este serviço com ella, seria um completo idiota dizendo que a "descobrira" na Allemanha quando a havia descoberto em New Jersey. Uma mentira que se desfaz por si propria, tanto mais que Von Sternberg não é idiota e ninguem ousará affirmar que elle o seja.

O seu methodo de trabalho com **Marlene Dietrich** é feito, todo, principalmente para attingir a nova méta dos films falados americanos. Têm mais acção e menos dialogos, o menos possivel, mesmo. Um exemplo é a scena pungente e linda, deste mesmo **Dishonored,** quando Barry Norton, um joven official, offerece a venda a Marlene antes da mesma ser fuzilada. Ella não responde com palavras. Tira-lhe a venda das mãos e, com ella, enxuga-lhe as lagrimas...

— Marlene é uma artista intelligente.

Disse-me mais tarde Von Sternberg.

Os artistas emocionaveis, aborrecem-me infinitamente! Artistas, quer homens, quer mulheres, devem da historia saber o menos possivel. E' o essencial para que se saiam bem! Com Marlene, entretanto, não se dá isso. Eu discuto o argumento com ella. E' preciso muito pouca direcção para o seu trabalho. E' quasi perfeito!

Elle sabe o que diz. Para mim, entretanto, Marlene é apenas o reflexo de um director intelligente e ultra-consciencioso.

No dia seguinte, a companhia de Von Sternberg bateu o record de trabalho. Havia 18 horas continuas que se achavam em luta. Todos ali estavam irritados, enfurecidos contra elle. Artistas, **extras,** electricistas, operadores, todos!

— S o u mal humorado e ás vezes amalucado, mesmo!

Disse-me Von Sternberg.E continuava ensaiando, sem parar, até ensinando como devia um official austriaco saudar, notando-se, nisto, que o official havia sido official, realmente, e isto era uma humilhação para elle...

Aquella mesma tarde, houve uma scena, a qual representava uma porta aberta que um official devia fechar. Parecia cousa simples. Achava-se a porta um pouco distante delle e elle começou a dar sugestões ao artista, sobre a melhor maneira de fechar a porta. Mas cada vez que o artista fazia, mais elle desgostava o modo. Cada ensaio exasperava mais o director e elle exclamou, finalmente, arrebentando as cordas dos seus nervos tensos: "Não é assim! Então você não é capaz de fechar essa porta com a distincção que um homem distincto naturalmente tem? Ou você não conhece a distincção? Mas se não sabe, amigo, finja saber!!! Já viu você um cavalheiro fechar uma porta? Já conheceu, você, porventura, algum cavalheiro? Já foi você, por acaso, cavalheiro, alguma vez em toda sua vida?

O artista parou algum tempo. Depois respondeu, firme e mal contendo a colera:

— Neste negocio de Cinema, senhor, realmente poucos destes conhecemos e vemos...

Houve um grande silencio e Von Sternberg, do qual se esperava uma reacção violenta, sorriu estimulando-o.

— **Touché!** Vamos! Feche aquella porta...

Este caso eu relato, aqui, para mostrar o genio dispar de Von Sternberg. Zanga-se com violencia e cede a uma tirada feliz. Elle encara seu trabalho como trabalho e não faz Cinema como diversão. Por isso é que todos extranham o seu modo. Se alguem conversar perto de onde elle trabalha, chega-se e diz, secco: "Faça o favor de retirar-se e conversar longe do meu trabalho!".

Certa vez, clareou o dia e ainda estavam trabalhando. Disseram-lhe isso e elle exclamou cheio de jubilo:

— Aurora! Que belleza! Vamos aproveitar para aquella nossa scena!

Ha scenas sem importancia que elle ensaia longamente e outras, importantissimas, que elle faz sem ensaio algum. Questão de ver se o artista está no momento propicio de filmar. Elle costuma ensaiar Marlene em allemão, para que ella comprehenda facilmente e isto sempre faz quando dá explicações. Disse-me, mesmo, que as scenas melhores e mais espontaneas do film, elle as faz depois de pouco ensaio, apenas tendo observado que ella comprehendera claramente o espirito da sua explicação.

Geralmente suas scenas são filmadas por duas **cameras,** aproveitando dois angulos. Uma dellas é elle proprio que opera. Elle ennerva-se immensamente quando está trabalhando e põe, no que faz, toda a vida.

E' dos poucos directores que são completos. Elle é director, é artista o mais completo e tambem operador.

Por isso é que Marlene conseguiu galgar a fama e o successo, vontade e ambição de tantos, sómente com 3 films...

* * *

**A Free Soul,** que Clarence Brown dirige, para a M. G. M., com Norma Shearer no principal papel, tem Monroe Owsley como galã.

* * *

A versão franceza de **Madame Julie,** da RKO-Pathé, dirigida por Henri de la Falaise, ex-marido de Gloria Swanson, tem o seguinte elenco: Jeanne Hebbling, Geymour Vital, Emile Chautard e Georgette Rhodes.

* * *

Carmen Larrabeiti, artista hespanhola que já tomou parte em alguns films hespanhoes para a Paramount, em Joinville, acha-se em Hollywood. Está sob contracto com a Fox e vae figurar em algumas versões hespanholas para essa fabrica.

Mulher Dezejada

# COVARDIA DE AMOR

(A NOTORIOUS AFFAIR)

FILM DA FIRST NATIONAL

BILLIE DOVE ........................ Patricia
Basil Rathbone .................. Paul Gherardi
Kay Francis ........... Condessa Olga Balakireff
Kenneth Thompson ............ Dr. Allan Pomroy
Montagu Love ................ Sir Thomas Hanley
Phillip Strange .......... Lord Percifal Northmore
Elinor Vandivere .............. Duqueza de Loth
Gino Corrado ............................ Sergio
Blanche Friderici ..................... Lady Keene

Director: — LLOYD BACON.

Quando Paul Gherardi conheceu Patricia, não tinha vintem de seu e, apesar de muito talento, pouquissimo com que ainda se sustentar na falsa posição de aristocrata á qual fingia pertencer.

Dahi para diante é que elle começou a crer no amor...

E' que Patricia não só era lindissima, como, ainda, possuidora de varios milhões de libras de fortuna, não contando o seu titulo nobre na alta sociedade ingleza.

O ideal, sem duvida... E Paul resolveu seguir os impulsos do seu "coração"...

❖ ❖ ❖

A perseguição á qual se entregou, trouxe-lhe a creteza, em pouco, de que Patricia era uma das mais adoraveis e magnificas pequenas que já conhecera e esta certeza mais ainda o animou na conquista á qual se entregava com ardor.

A principio, Patricia não lhe votou grande attenção. Sua intelligencia, entretanto, seus modos lhanos e meigos, suas palavras adocicadas e de finissimo trato, volveram sua attenção para o talentoso artista. Depois que ella o fixou bem nos olhos e gravou-o para semno coração, cedeu aos seus rogos apaixonados e deulhe os labios ao primeiro beijo.

Dahi para diante, tudo caminhou placidamente até ao altar onde se uniram para sempre.

❖ ❖ ❖

Tornado rico, de um momento para outro, atirado, á vontade, no meio do maior luxo, dentro do maximo conforto e cheio de tudo quanto podia imaginar de mais requintado, inclusive o adorabilissimo genio de sua amorosa esposa, Paul deu expansão ao seu cerebro e, delle, rapidamente, sahiram os frutos que, em pouco, haviam de o consagrar um dos maiores artista da actualidade. Nesse instante, com o primeiro bafejar estonteante da gloria, Paul deixou-se cegar pela fascinação de Olga Balakireff e entrou pelo terreno da infidelidade com o mais simples dos sorrisos e o mais ingrato dos esquecimentos dentro do seu proprio coração empedernido.

Inutilmente tentou Patricia rehaver o amor do seu marido. Elle era sublimemente indifferente, immensamente frio. Comprehendeu, então, que elle casara com seus milhões e não com sua alma. Viu, claramente, que a fortuna que seus trabalhos lhe deram, fruto de mais uma gentileza sua, nada mais fizera do que desnorteal-o por completo, chegando a entregal-o claramente ao abandono do lar e por isso resolveu dar-lhe o que elle mostrava querer, o divorcio.

❖ ❖ ❖

Divorciado, Paul Gherardi seguiu sua vida de illusão e glorias e Patricia ficou naquella curva do caminho que leva á tristeza e á amargura, com o mais resignado dos sorrisos, com o mais magoado dos sentimentos. E, pela vida afóra, pelos braços da Condessa Olga, Paul seguiu seus dias. Em breve entretanto, estaria arrependido...

... Uma desillusão traz a outra. Paul as teve, uma a uma, duzias dellas. Seu animo procurou reagir, quiz encontrar o motivo disso tudo. Era claro e um só: a ausencia de Patricia, a saudade de Patricia, a falta que ao seu lado ella fazia, a esposa meiga e boa, a companheira de mil virtudes.

Mas como voltar?

Como recuperar tudo aquillo que atirara pela porta da felicidade a fora?...

Procurou a reconciliação. Viu o Dr. Allan Pomroy quasi substituindo-lhe o lugar, no coração da esposa, viu o indiffentismo aparente de Patricia e o seu desejo de jamais volver seus meigos olhos para a infelicidade que o consumia.

A maneira de solver o caso, entretanto, veio mais depressa do que Paul imaginava que viesse...

❖ ❖ ❖

Uma noite, depois de horas de insomnia, tomou a fertil resolução. Havia de provocar a piedade de sua esposa, ainda que isto lhe custasse muita humilhação. Conhecia-lhe o intimo, sabia com que coração lidava. Era facil a tarefa...

Dias depois, abandonando tudo e todos, não mais cuidando da sua arte, Paul atira-se á devassidão e á miseria, firme no proposito de a vencer pela pena de o ver soffrer.

A principio, falha o plano. Patricia mostra-se indifferente, completamente alheia áquillo. Depois, entretanto, volve com mais segurança seus olhos para a desgraça do esposo e, vendo-o soffrer, começa a soffrer tambem.

Um dia, entretanto, vendo-o prestes a se entregar ao roubo, ao assassinato e, talvez, ao suicidio, depois, cede. Atira-se em seu soccorro e, da vida de miseria que elle aparentava soffrer, tral-o para a vida de amor, ao seu lado, sem que elle tenha tempo para dizer sim ou não.

Era a victoria do ardil daquelle esposo que pensara não amar a esposa mas que reconhecera o quão grotesco e banal fôra para com ella.

Beijos assucarados, caricias infindas, são o premio para o seu ardil. Mas elle o conta e a esposa perdôa. O que não perdoaria Patricia, naquelle instante, se ella propria já tinha tenção de o procurar para lhe pedir até de joelhos que viesse trazer ao seu coração o balsamo suave do seu amor?...

❖ ❖ ❖

Pessoas de oito nacionalidades differentes tomam parte em **The Smiling Lieutenant,** que Maurice Chevalier está filmando em Longsland, New York, sob a direcção de Ernst Lubitsch, para a Paramount. São elles: Ernst Lubitsch, allemão e Hans Drier, director de arte, que tambem o é; Maurice Chevalier e Claudette Colbert, francezes: George Folsey, operador, irlandez; Ernest Zatorsky, monitor man, polaco; Mirian Hopkins e Sam Raphaelson, americanos; Oscar Strauss, compositor musical, austriaco; Clifford Gray, autor dos versos, inglez; Ernest Vajda, scenarista, hungaro. Que salada!

❖ ❖ ❖
❖ ❖

Joseph Schildkraut, cuja carreira no Cinema americano foi tanto prejudicada pelo Cinema falado, acaba de ser contractado pela British & Dominions para figurar em **Carnival.** Dia 28 de Abril elle aportou em Londres e o film é o primeiro que a referida fabrica filma com os novos machinismos silenciosos que a Western inventou para os films fallados...

❖ ❖ ❖

**The Man I Killed,** o proximo film de Lubitsch, depois de **The Smiling Lieutenant,** terá Phillips Holmes e Mirian Hopkins nos principaes papeis, ao lado do astro Emil Jannings que, com este film, reencetará sua carreira com a Paramount.

❖ ❖ ❖

**Battling With Buffalo Bill** é o proximo film seriado que Tim Mc Coy fará para a Universal.

❖ ❖ ❖

**Spent Bullets,** que a First vae apresentar como um dos proximos vehiculos de Richard Barthelmess, terá John Mack Brown, da M. G. M. num papel de importancia.

# Richard Arlen

"Cow-boy" moderno. Nada de caras como Tom Mix. Nada de pontaria com dois revolvers. Nada de tapetes nas pernas.

Ao redor de uma mesa de jogo, sentavam-se quatro homens. Naquella confusão de cartas vermelhas e azues, voltaram-se os tres mais velhos para o mais moço e olharam-no. A physionomia delle denotava cançasso, cançasso de muitas e intensas horas de jogatina seguida. Bunny Manders perguntou, depois de algum tempo, emquanto esfregava, no interior do bolso, o seu livro de cheques.

— Onde está Raffles? Não está por ahi? Vocês não o conseguem achar?

Um dos outros retrucou, ao passo que o olhava sorrindo.

— E é preciso que elle aqui esteja, amigo, para que você assigne o seu cheque de divida? Mil libras, "apenas"...

Nervoso, deante dos olhares perscrutadores dos outros, Bunny correu a penna sobre o cheque, assignando-o. Disse um rapido "adeus", em seguida e retirou-se apressado. Emquanto o criado, no *hall*, auxiliava-o a enfiar o casaco, perguntou elle ao mesmo:

— *Raffles* não appareceu ainda? Se elle apparecer por ahi, diga-lhe... Bem, não vale a pena! Eu mesmo darei o recado.

Dos primeiros degraus do predio do Club, Bunny chamou um *cab*. Tinha perdido mais do que podia perder, muito mais, mesmo. Em Raffles, seu unico amigo, estavam todas as suas esperanças! Precisava encontral-o, portanto...

— Toque para o Albany, em Belgrave Square!

Ali elle achava até graça naquelle carro. Tão só, naquelle instante, quando o que mais desejava, ali, era uma companhia... Tinha assignado o cheque, bem o sabia, mas onde o dinheiro para pagal-o?... Se ao menos Raffles... Parou o carro.

Bunny saltou. Pagou o carro, subiu os primeiros degraus de entrada do predio onde morava Raffles.

——oOo——

Antes de apparecer a cabeça de Barraclough, á porta, muito esperou Bunny.

— Onde está Raffles? Quando volta? Onde está?

Ia perguntando elle, cada vez mais nervoso, emquanto percorria o olhar por todos os recantos do recinto. O criado respondeu o necessario: que elle tinha sahido e não disséra quando voltava.

— Espero por elle, Berraclough! Preciso falar-lhe, sem falta, ainda hoje... Mas onde estará elle?

E já se apossava delle, novamente, naquelle momento, o desespero de minutos antes. Percorreu o livro de cheques que tinha entre os dedos, insensivelmente e enervou-se ainda mais. Gritou pelo criado. Quando elle chegou, perguntou-lhe:

— Acha que Raffles zangar-se-ia se eu aqui dormisse, esta noite?

O criado respondeu que não e comprehendendo que o rapaz queria repousar, notando o seu nervosismo, prestou-se a aprromptar-lhe immediatamente a cama, caso quizesse ir repousando até que Raffles voltasse.

O rapaz continuou a passear pelo quarto, como o fizera pela sala. Nem o calorzinho agradavel da lareira fascinava-o, como o faria num momento de calma. Apenas perguntava a si proprio, emquanto varava o quarto, de lado a lado, em grandes passadas.

— Mas por que? Por que fui fazer isso, meu Deus?!!!...

Assim que o criado se retirou, deixando tudo prompto, Bunny atirou-se em profunda scisma. Uma faca de cortar papel, que ali se achava, entrou em suas cogitações. Mas acovardou-se com aquella idéa. Continuou scismando. Nada lhe parecia mais estupido do que aquillo que acaba de lhe acontecer. Por que? Por que fizera aquelle disparate? No dia seguinte tudo seria descoberto e, depois disso...

Veiu-lhe subitamente uma idéa ao cerebro. Correu ao banheiro, pensou um instante e, depois, tomando a suprema resolução, fechou todas as portas e janellas do interior do mesmo e, abrindo todo o gaz do aquecedor, dexiou que o malefico vapor se apossasse do ambiente todo, ferindo-lhe o intimo e atirando-o, em segundos, completamente desmaiado sobre o solo.

——oO——

Na casa dos joalheiros Clews & Filhos, Raffles, no mesmo instante em que Bunny o procurava, em sua residencia, entregava-se ao assalto do cofre forte da casa, applicando, para isso, toda a sua sabedoria. Suas mãos enluvadas trabalhavam com grande efficiencia e o seu afiadissimo ouvido não perdia um só dos *tics* da engrenagem interna da peça de aço que guardava milhões. Em seguida abriu-se o mesmo e do interior do mesmo, para os bolsos de Raffles, vieram joias e mais joias, todas ellas devidamente examinadas, antes, pela argucia de Raffles, com o auxilio efficaz da sua lampada de bolso. De todas, entretanto, Raffles escolheu um bracelete, apenas, que lhe interessava e, tomando-o para si, fechou o restante no cofre e, sobre o restante das joias inuteis ali deixadas, deixou um cartão onde se via escripto: *O Ladrão Amador*. Em seguida elle escreveu: *Seu ultimo trabalhinho*. Accrescentou ao fim do mesmo. *Amen*. E ergueu-se para sahir. Ainda não eram onze horas.

Não mais do que dez minutos depois, Raffles encontrava-se sentada á uma das mesas do Club Embassy. Todos prestavam attenção á sua elegancia e distincção, sendo que elle, entretanto, apenas prestava a sua a Gwen, uma mulher lindissima e elegantissima que a poucos passos seus estava e para a qual não se pejava de volver todas as attenções possiveis.

Gwen tinha a pose e a distincção de uma aristocrata ingleza de grande origem. Falava, sempre, com a cabeça erguida, byronica... Suas mãos eram compridas, lindamente tra-

(RAFFLES)
Film da UNITED ARTISTS

*ELENCO:*

| | |
|---|---|
| *RONALD COLMAN* | *Raffles* |
| *Kay Francis* | *Gwen* |
| *Branwell Fletcher* | *Bunny* |
| *Frances Dade* | *Ethel* |
| *David Torrence* | *Mc Kenzie* |
| *Alison Skipworth* | *Lady Melrose* |
| *Frederick Kerr* | *Lord Melrose* |
| *John Rogers* | *Crawshaw* |
| *Wilson Benge* | *Barraclough* |

*Direcção começada por HARRY D'ARRAST e terminada por GEORGE FITZMAURICE*

tadas e sua maneira de se expressar era a mais distincta e bonita que já se havia visto. Adoravel, simplesmente. Na opinião de Raffles e na de todos os outros homens que ali se achavam...

Depois, Raffles tirou-a para dansar. Todos prestaram attenção sufficiente ao afinadissimo par. Os monosylabos imperceptiveis que trocavam entre si, entretanto, eram desconhecidos de todos. Raffles os dizia apaixonado e ella os ouvia, apparentemente indifferente.

— Cansou-se?

— De dansar?

— Conversemos, prefere?...

— Sobre o que?

— Você!

— Bem...

— Amo-a!!!

E muito lhe custou conter-se ao dizer isso...

— Bem...

— Quer ser minha esposa?

— Por que não?

— Meu bem!!!...

Voltaram para a mesa. Lord Melrose, naquelle mesmo instante, soube da "grande" novidade. Alegrou-se, immensamente e todos ali entraram a felicitar a noiva e o noivo... O bracelete que Raffles deu á noiva, naquelle instante, era o commentario geral dos que ali se achavam. Maravilhoso! O prazer que ella propria sentia, era indizivel!

Depois de terminada a festa e acompanhando Raffles a noiva, dirigiu-se para o Albany.

—oOo—

Depois de mostrar sua satisfação a Barraclough, Raffles contou-lhe alguma cousa do que fôra a sua noite de aventura e amor. O enthusiasmo, entretanto, cortou-o o criado quando lhe contou que Bunny Manders viera procural-o, immensamente nervoso e que se recolhera ao quarto de hospedes, mais nervoso ainda, tendo até apanhado a faca de cortar papel, — que elle vira pela fechadura, observando-o e, em seguida, tudo ficando quieto.

— Chama-o.

— Já chamei e não attendeu, Sir!

Abriu a porta elle proprio, depois

da resposta do criado. Um ligeiro cheiro de gaz que emanava do banheiro fel-o dar accordo do que ali se passava. Correu.

Minutos depois, com Bunny inanimado, em seus braços, Raffles comprehendia que ainda não se tratava de um caso perdido. Abriu as janellas, fel-o respirar o ar fresco que dali vinha, ministrou-lhe o mais vital dos recursos e, depois, aguardou que elle voltasse a si.

— Homem! Estás doido? Por que isto? Tens o que queres, para viver...

— Não é verdade, Raffles...

E na sua fraqueza, no seu nervoso, o rapaz chorava.

— Roubei! Sou um ladrão! Assignei um cheque de mil libras, Raffles, quando nem siquer tenho uma de meu, commigo... Não ha recurso para mim!

— Mil libras?...

Pensou Raffles, num segundo, avaliando a situação.

— E' mais, muito mais do que tenho e do que posso conseguir, assim de um momento para outro...

— Você, Raffles...

— Diga-me. Disse-me que iria á festa de Lord Melrose no fim da semana, não disse?

— Sim!

— Leva-me comtigo. Acho que poderei salvar-te.

Bunny alegrou-se. Sabia, perfeitamente, que Raffles cumpria aquillo que promettia. O que podia querer mais, naquelle momento de tão grande afflicção?

—oOo—

O pensamento de Raffles, sem duvida, era o lindo collar de brilhantes de Lady Melrose. Era, para elle, o unico recurso para salvar o seu maior amigo. Para conseguir isso, Raffles applica tudo quanto sabe e aprendeu de diplomacia, na festa de fim de semana á qual Bunny o leva e Lady Melrose, em poucos instantes, confessa-se realmente captiva do elegante cavalheiro que elle é e da esplendida companhia que todos conheciam.

Dois factos, entretanto, vêm perturbar, para Raffles, a ordem natuarl dos acontecimentos. Primeiro, a chegada de Gwen á festa, sem ser esperada, impedindo, em grande parte, realizar seu plano, porque a amava, sinceramente e não podia deixar de lhe fazer a côrte, pelo muito que a queria, não podendo, portanto, ao mesmo tempo prestar attenção á realização do seu plano. Segundo, a chegada tambem inesperada do inspector Mr. Kenzie, de Scotland Yard, sciente de que ladrões planejam contra o collar de Lady Melrose e especialmente enviado para deitar-lhe guarda.

Uma quadrilha, chefiada por um tal Crawshaw, é justamente aquella que pretende assaltar a residencia dos Melroses para lhes roubar a preciosa joia. E apesar das ameaças de Mc Kenzie e dos olhares ternos de Gwen, Raffles não perde seu tempo e apercebendo-se dos planos de Crawshaw, aproveita-se delle proprio para exercer o seu plano. Espera, sorrateiro, pelo fim da "aventura" e quando Crawshaw volta, della, com

(Termina no fim do numero).

*The Reckless Hour*, da Firts National, sob a direcção de John Francis Dillon, tem Conrad Nagel e Walter Byron como galãs de Dorothy Mackaill.

* * *

*Marcheta*, um film que Victor L. Schertzinger vae fazer baseado na sua celebre canção, será feito pela R K O — Pathé e terá Irenne Dunne como interprete principal.

OLGA VALERY

* *

Cyril Gardner assignou um contracto com a Universal para dirigir.

* * *

*Mary Brian e seu irmão Lawrence.*

* * *

A Warner fez exhibir-se novamente, *The Jazz Singer* (O Cantor do Jazz), film que marcou a mudança total da industria (de silenciosa, para falada). Al Jolson, como se sabe, era o heroe do mesmo. Hoje, entretanto, ninguem quer mais ouvir falar nelle...

* * *

Ha 10 annos passados, a First National assumia a responsabilidade de exhibir os films feitos por Katherine Mac Donald...

* * *

Esse John Barrymore, realmente, é um grande pandego! Imaginem que o homem é exigente desta maneira: escolhe seus directores, companheiros de films, scenaristas, operadores, e, talvez, até electricistas, mechanicos e tudo mais. Um bicho! Pois agora, por cumulo, acaba de escolher o galã que deve figurar ao lado de sua esposa Dolores Costello em *The Passionate Sonata*. A sua escolha recahiu em Warren William, do theatro, que, dizem, parece-se muito com elle. Se os irmãos Warner não tomarem cuidado, Barrymore é capaz de os escolher, um dia, para seus ajudantes de ordens ou mesmo secretarios... E tudo, afinal, por causa de um perfil...

* * *

Albert Kelley foi contractado pela Universal para dirigir uma serie de films em dois actos sobre *rugby*.

* * *

*The Miracle Woman*, da Columbia, tendo a direcção de Frank Capra e Barbara Stanwyck no principal papel, terá David Manners como galã.

* * *

Um casamento interessante: Joe Brown casou-se com Edna Brown. O padrinho foi Joe E. Brown, o conhecido artista de Cinema. O padrinho do noivo, foi Gus Brown e a madrinha da noiva, Ethel Brown. A cerimonia foi realizada sob as palavras do rabbi Brown...

Douglas Fairbanks Jr renovou seu contracto com a First National.

* * *

*Women Men Marry*, será dirigido por Charles Hutchison e terá Kenneth Harlan e Natalie Moorhead nos primeiros papeis. A fabrica é uma Continental, Chesterfield ou Lucky Strike qualquer...

* * *

Marillyn Miller tambem reformou seu contracto com a First National.

* * *

King Vidor perdeu seu pae, recentemente..

# Notas de

Ina Claire assignou um contracto de cinco annos com Samuel Goldwyn. O seus films serão feitos e distribuidos pela Unitd Artists.

* * *

*Alexander Hamilton*, da Warner Bros., film que tem George Arliss no principal papel, marca o regresso de Doris Kenyon ás telas, depois da morte do seu marido Milton Sills. O film é dirigido por John G. Adolfi, tambem director do recente film de Arliss, *The Millionaire*, já exhibido.

* * *

A Fox resolveu separar definitivamente Charles Farrell de Janet Gaynor. Artisticamente, é logico...

* * *

Ina Claire declarou que seu casamento com John Gilbert está difinitivamente desfeito.

* * *

*Going, Going, Gone*, da R.K.O.-Pathé, será dirigido por Clyde Bruckman, que, para isso, foi emprestado de Harold Lloyd. Robert Woolsey é o principal interprete do film.

* * *

Offereceram 650 mil dollares a Carlito para elle falar 15 minutos pelo Radio, durante uns determinados dias. Elle os regeitou. Elle é positivamente "contra" os microphones...

* * *

Hal Roach contractou ZaSu Pitts para uma serie de comedias em dois actos, distribuidas pela M.G.M.

* * *

Lupe Velez, tendo terminado seu contracto com a Universal, provavelmente figurará em *Argentina*, uma peça que David Belasco vae montar em New York. Depois cogitará de um novo contracto.

Max Marcin e Louis J. Gasnier são os co-directores de *The Lawyer's Secret*, da Paramount, que tem, como já dissemos, Clive Brook, Charles Rogers, Richard Arlen, Fay Wray e Jean Arthur nos principaes papeis.

* * *

Gloria Swanson acaba de fundar a "Gloria Swanson Pictures Corporation", de accordo com as ultimas informações que tivemos. Irving R. Wakoff será seu director de negocios em geral e Lance C. Heath seu representante pessoal. A fabrica que Gloria acaba de formar, produzirá todos os seus films para a United Artists.

* * *

*Kick In*, que a Paramount ha annos filmou, com Betty Compson e Bert Lytell, dirigidos por George Fitzmaurice, agora está sendo refeito e tem Lothar Mendes na direcção, Clara Bow no primeiro papel e James Murray e Regis Toomey como galãs. Consta que foram duas *reformas* em um só film. A de Clara Bow, que jurou nunca mais ser "do amor" e a de James Murray, que agora "vae se regenerar"... Vocês acreditam em milagres?...

rando seu novo film, de accordo com Howard Estabrock, scenarista e que tambem o foi daquelle film. Wesley, aliás, esteve, depois do trabalho insano que teve com *Cimarron*, varios dias gravemente enfermo, com extenuação nervosa, do qual mal está agora se refazendo.

* * *

E' provavel que Pola Negri volte a Hollywood. A R.K.O.-Pathé offereceu-lhe um contracto com diversas vantagens.

* * *

William A. Seiter assignou um longo contracto com a R.K.O.-Pathé. Elle era director da First National.

* * *

*Daddy Long Legs*, ("Papaezinho Pernilongo", lembram-se? Com Mary Pickford?) é um dos proximos films da Fox. Jonet Gaynor terá o principal papel e Warner Baxter será o "pernilongo". Alfred Santell dirigirá e Sonya Levien escreveu o scenario.

* * *

Depois de tomar parte em *High Stakes* dirigido por Lowell Sherman, para a R. K. O.-Pathé, Mae Murray irá para a Paramount, onde tem um novo contracto de cinco annos para cumprir. Mae Murray, assim, tem uma auspiciosissima volta ás lides de Cinema... Mas... Mae, você jura que nunca mais dansa e que nunca mais faz boquinhas e que nunca mais exaggera tanto e que nunca mais será a má artista que você era, jura?...

# HOLLYWOOD

GILBERT E NORMA...

A Paramount acaba de pedir licença ao Juiz de menores de Hollywood para poder effectivar os contractos dos seguintes menores: Jackie Googan, 16 annos; Mitzi Green, 10 annos; Carman Barnes, 18 annos; Sylvia Sidney, 20 annos e Jackie Searl, 10 annos.

* * *

*Nick, the Barber*, da Warner Bros., terá Edward Robinson (êta camarada páo!!!) no principal papel e Evalyn Knapp como heroina. Alfred E. Green dirigirá.

* * *

*The Miracle Woman* será o proximo film de Barbara Stanwyck para a Columbia.

* * *

*Good Gracious Annabelle*, que a Fox vae fazer, já foi vehiculo que a Paramount usou, ha annos, para Billie Burke e Thomas Meighan. Jeanette Mac Donald e Victor Mac Laglen são os heroes desta nova versão.

* * *

*Too Many Cooks* é o primeiro film que William A. Seiter dirige para a R.K. O.-Pathé. Bert Wheeler é o principal artista.

* * *

Joan Bennett, ao contrario do que se annunciou, foi contractada por cinco annos para a Fox. O seu primeiro film, sob este novo accordo, será *I Surrender*, ao lado de Warner Baxter e dirigidos por William K. Howard.

* * *

Wesley Ruggles, director de *Cimarron*, um dos mais formidaveis e legitimos successos do Cinema actual, está prepa-

SIDNEY FOX

* * *

Uma noticia vinda de Hollywood, informa que Geraldine Farrar fez publicas declarações de que vae abandonar definitivamente a opera. Boa *bola*, não acham?... Só agora é que ella se lembrou de ir cuidar dos netos e deixar os ouvidos dos pobres assistentes em paz?... Não é sem tempo...

* * *

*Rose of the Rancho* é um dos proximos films Paramount. O director será Edward Sloman e os principaes papeis estão a cargo de Dolores Del Rio e Richard Arlen.

* * *

O primeiro film que Sam Taylor vae dirigir para a Fox, depois da assignatura do seu novo contracto, será *Skyline*. Os principaes artistas, são: Thomas Meighan e Maureen O' Sullivan.

* * *

Consta que Sue Carol deixará de fazer parte dos elencos da R.K.O.-Pathé.

Tom Santchi, artista tão conhecido, principalmente pelos seus innumeros trabalhos ao lado de William Farnum, como em *Pulsos de Ferro* (The Spoilers), *As Tres Balas* e outros, acaba de fallecer em Hollywood. Outrosim Charles Clary, figura por demais conhecida e um daquelles que não tem menos de 300 ou 400 films na sua lista de producções interpretadas.

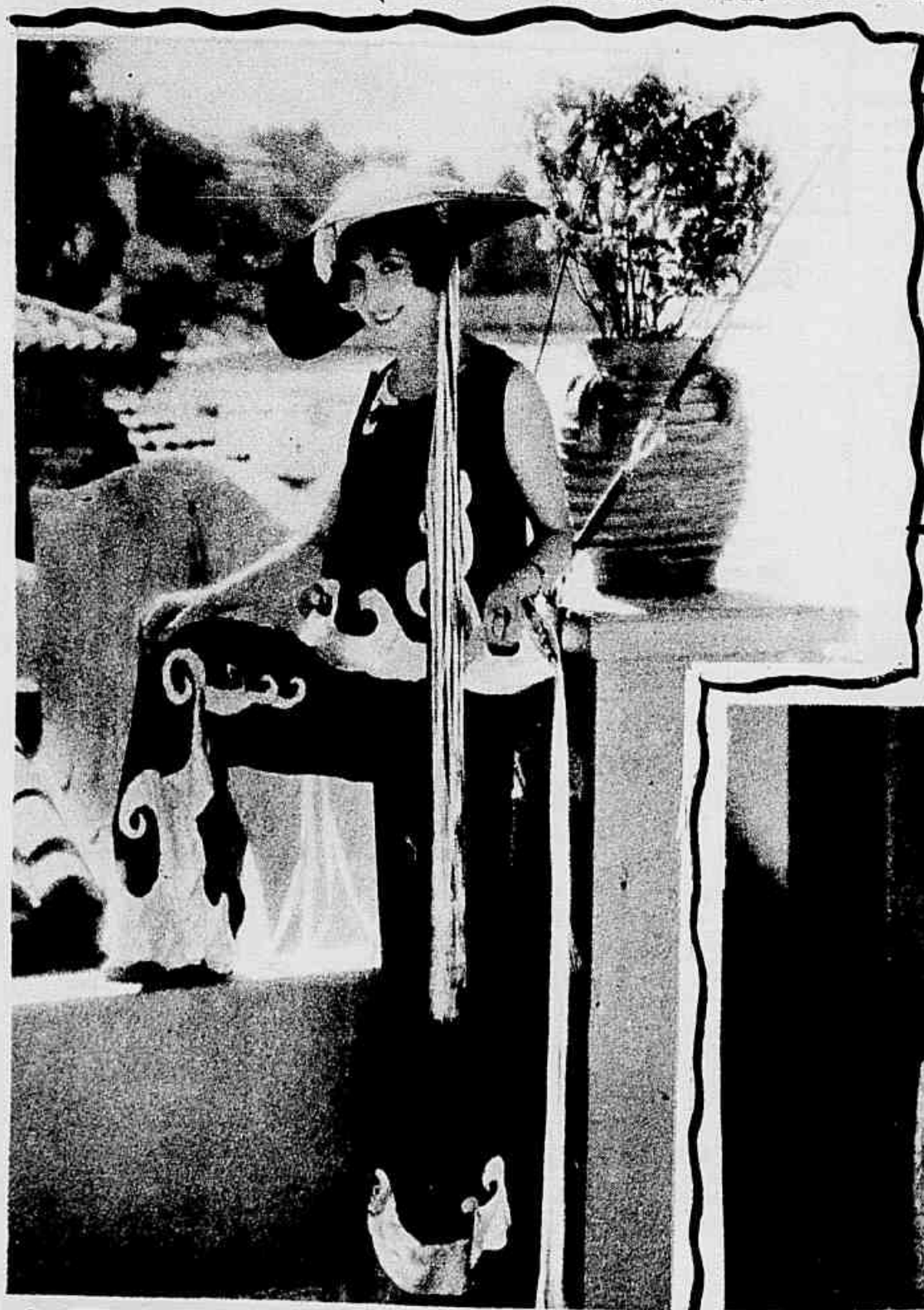
* * *

Depois de concluir *Rose of the Rancho*, o unico film para o qual a contractou a Paramount, Dolores Del Rio passar-se-á para a R.K.O., com a qual assignou contracto para varias producções, a primeira das quaes será *The Dove*.

* * *

*A Little Flat in the Temple*, da R.K.O.-Pathé, será dirigido por Robert Milton e tem Ann Harding como protagonista. O scenario é de Horace Jackson e tirado da novella de Pamela Wynne.

* * *

Lou Tellegen fez uma operação para remover rugas e embellezar-se. Este Lou é um camarada persistente! Não se lembra elle, por acaso, que mesmo nos tempos da sua mocidade ninguem o supportava como artista de Cinema?

# Cinema da França

SCENAS DO FILM "ARTHUR" COM LILY ZEVACO, ROBERT DARTHEZ

Nos bastidores, Lo Tinto exhultava.

— Cherie! Dio mio!!! Você venceu, pequena! Você está feita!!! Vamos, apresse-se que está no momento de você arrebatar com a sua canção da maçã... Lembra-se do que lhe disse? Faça-a como eu lhe disse e verá! Garanto que você a terá que repetir muitas vezes para os meus freguezes, Amy passou por elle, ouvindo-o e entrou para o seu camarim.

— Cherie!

Continuou falando Lo Tinto.

— Você precisa acamaradar-se com os meus freguezes, sabe? E' este o costume do logar. E todos esperam que você faça isto, sabe? Sim ...

— Sim?

Perguntou ella, com a maior das indiferenças a lhe cahir dos labios quasi maus. Lo Tinto, do lado de fóra, esperou ainda alguns discretos instantes e, depois, bateu.

— Entre!

— Disse-lhe ella. Os seus trajes eram outros e de lado fôra posto o seu anterior traje masculino. Usava compridissimas meias negras que lhe cobriam toda a perna e grande parte das coxas e um vestidinho bem curto que não occultava o seu majestoso e impressionante physico. Lo Tinto continuou, sempre rastejante.

— E Cherie, escute, você ainda será a bemfeitora disso aqui... E', um conselho de amigo, Cherie e sei que você não o despresará. Principalmente aqui, neste negocio, garanto que de muito hão de servir os meus conselhos.

Amy tingia os labios de côr rubra e não lhe dava a mais simples attenção. Suas palavras, mesmo, para ella não eram mais do que rumor que ella nem chegava a distinguir. Lo Tinto continuava.

— Você naturalmente ouviu falar, Cherie, que os soldados da Legião, os razos, são os verdadeiros homens, não é? Mas não creia! E' mentira! Os officiaes é que o são... São elles que têm o dinheiro, menina! Os soldados não passam de porcos que não merecem siquer um olhar... Escolha um official, sabe? Que tal?

O olhar que lhe volveu Amy devia tel-o dali enxotado, pois era malicioso, ironico e tremendamente mau. Ella não lhe disse nada, entretanto e continuou no mesmo trabalho que já a vinha occupando tanto. Quando ouviu que a platéa já applaudia, lá de dentro, a sua nova entrada em scena, terminou e preparou-se para entrar.

— Venha! A sua cesta de maçãs está lá fóra! Cante bem, Cherie! Faça com que elles comprem e faça com que comprem por bom preço...

E dizendo isto, entregou-lhe a cesta com maçãs. Ella passou a fita em torno do pescoço e, com ella a tiracolo, preparou-se melhor para entrar para o palco. Uma das cousas que arranjou com maior cuidado, foi o seu "boá" de pennas que enrolou varias vezes em torno do pescoço.

— Maçãs são uma fascinação querida! Elles sabem disso, Cherie! Elles não compram muito, porque é caro. Faça com que elles paguem e paguem bem! Dez por cento é seu e noventa são meus, mas sempre você ganhará bastante... Dez por cento, lembre-se!

Assim falando, Lo Tinto no proprio pescoço amarrava uma outra cesta com mais maçãs. Amy atirou-se para o palco. Palmas violentas receberam-na com extase. Elles apreciaram-na desde o primeiro momento de curiosidade que ella lhes havia despertado. Na primeira vez, gostaram da canção. e do seu corpo desnudado. A audiencia ficou como que fascinada. Nos olhares dos homens, ali, havia qualquer cousa de horrendamente desejosos que punha medo. A voz clara de Amy entrou pelos ouvidos dos que ali se achavam.

— Quem a minha maçã comprar...

E, fazendo pausas que eram peores do que reticencias em contos maliciosos, continuou cantando e descendo para a platéa desarmada e entoxicada.

O primeiro homem do qual ella se approximou, um dos ex-azes allemães da grande guerra, comprou logo uma maçã, dando-lhe uma nota de cinco francos. Quando ella lhe quiz dar troco, elle recusou, apenas com os olhos nella, devoradores e uma canalhice escondida no sorriso. Ella agradeceu. Seguiu. Caminhou de uma mesa para outra. Um dos officiaes da Legião segurou na ponta do seu "boá". O gesto era significante. Ella era a perseguida, elle o perseguidor... O facto delle segurar o seu "boá", era symptoma de que elle a queria... Ella sentiu o "boá" enforcando-a, depois que o homem segurara. Sem se voltar, ella fez uma pequena pausa. Depois voltou-se, bruscamente e numa ma-

neira maliciosa, ironica, nem gentil e nem bruta, arrancou o "boá" das mãos que o seguravam. Era uma tirada feliz... E proseguiu, vendendo maçãs. Percorreu todos os logares da casa, os mais sordidos recantos. Lo Tinto via, de longe, o successo sem nome e sem precedentes que aquella criatura fazia na sua casa. Foi inevitavel a approximação de Amy da mesa onde se achava Cezar.

— Compra minha maçã?...

E fallou bem integrada no seu papel. Seus olhos andaram por ali, rapidos e foram cahir na figura conhecida de La Bessiére. Cezar comprou uma e deu-lhe uma pequena nota. La Bessiére ergueu-se. Docemente, passou para suas mãos uma nota. Ella viu que eram cem francos. Como elle acceitasse a maçã, ella disse, pausadamente.

— Não tenho troco para esta nota, senhor.

— Não é preciso troco, Mademoiselle.

E seus olhos provocaram-na, maliciosos, acompanhando o tom da resposta. Ella chegou-se bem para perto delle e lhe disse,

# MARROCOS

(CONTINUAÇÃO)

olhando-o e retribuindo-lhe o olhar com a mesma pericia.

— E' mais uma occasião para lhe ficar reconhecida, meu senhor...

E continuou a sua caminhada. No extremo direito da casa, ella approximou-se do fim. Lo Tinto, vendo-a, chegou-se rapidamente á ella.

— Não vá para lá! Aquelles porcos não têm dinheiro, Cherie!!!

Ella continuou caminhando para onde ia, sem mostrar que se tinha importado com as palavras delle, ou siquer ouvido o que elle lhe dissera. Em varias mesas ella vendeu maçãs. Finalmente chegou áquella que occupava Tom Brown. Com um rapido movimento, elle ergueu o braço e passou-o pela cintura de Amy. A força do apertão e do impulso, obrigaram-na a sentar-se sobre seu joelho. Ella sentou-se ali um momento, até que elle relaxasse os musculos do braço. Depois, sempre no seu molde, separou-se delle numa agilidade inesperada e sumiu-se da sua presença.

— Você é valente, amigo, com... mulheres...

— E você gosta de homens valentes?

Perguntou elle, sem se desconcertar com o golpe que ella vibrará na sua audacia e pericia consummadas.

— Talvez...

Remexeu na cesta.

— Compra uma maçã ...

Tom voltou-se para o sargento que estava sentado do outro lado da mesa.

— Empresta-me vinte francos! São duas semanas de ordenado, bem sei, uma maçã não vale isso, mas... tenho minhas razões!

O sargento emprestou.

— São sessenta, com estes... No proximo pagamento eu quero ver cheiro disso, amigo...

Tom segurou a maçã em uma das mãos, ao passo que apanhava, ao mesmo tempo, a nota que lhe estendia o sargento. Depois voltou a nota em direcção a Amy. Ella poz a mesma junto das outras, na cesta. Depois ella poz a sua outra mão sobre a de Tom. Com um olhar significativo, disse-lhe.

— Aqui está o seu troco, amigo...

E, ainda olhando, afastou-se com um sorriso significativo. Tom abriu a mão, na qual alguma cousa fria e dura se achava, posta por ella. Era uma chave e, no alto da mesma, um endereço escripto: "Rua de la Ali Hassan, 102".

Tom immediatamente fingiu que não era nada e disfarçou. Uma luz sublime de conquista illuminou seus olhos. Até que Amy terminasse a sua canção da maçã, nada mais fez elle do que castellos no ar e, vendo-a, planos varios para o futuro e uma serie de respirações difficeis que a emoção violenta vinha de despertar nelle.

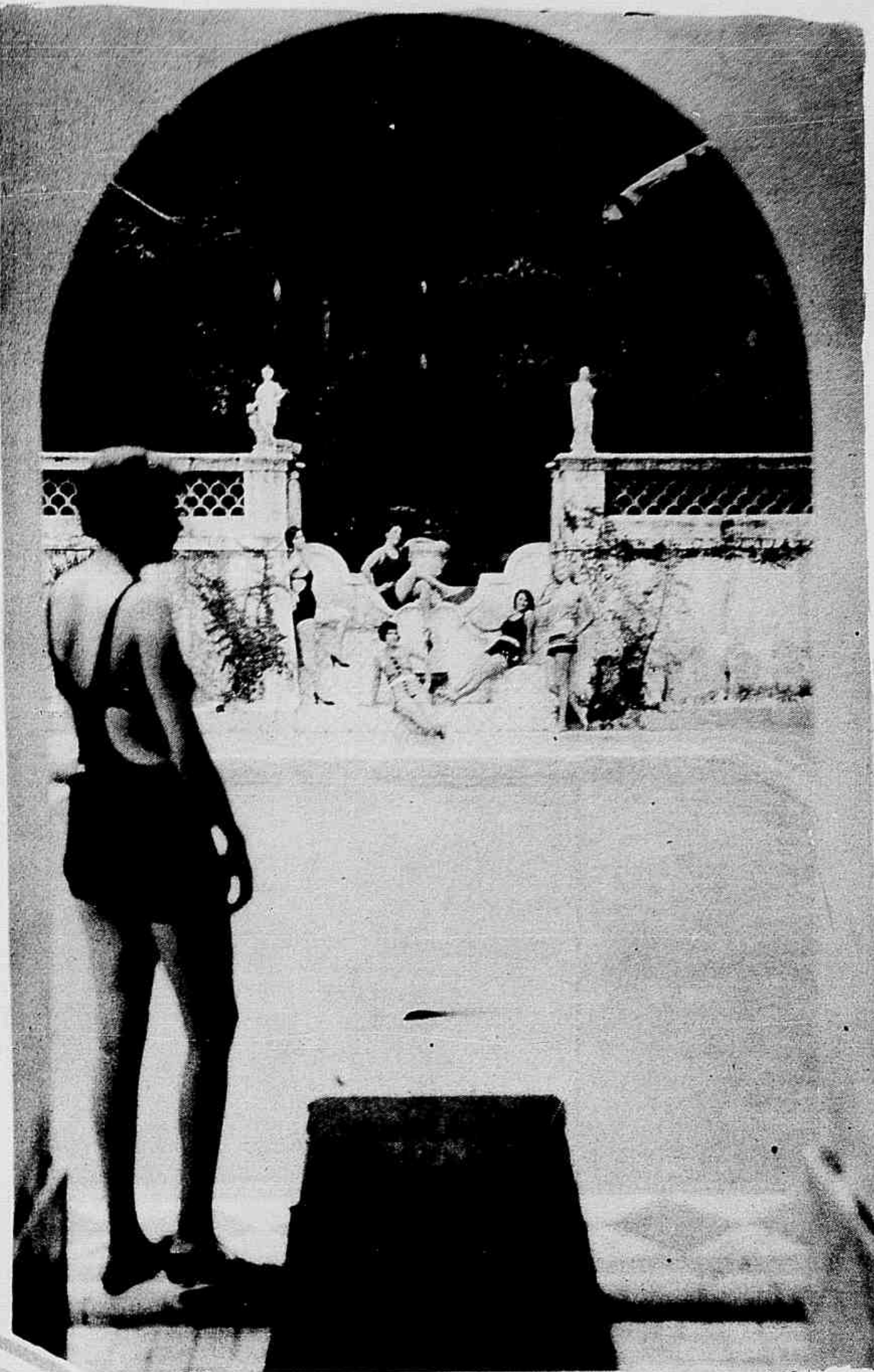
*(Continúa)*

CELSO MONTENEGRO

RUTH
GENTI

*Film da*

*CINÉDIA*

RUTH GENTIL[illegible]

ALDA RIOS

CARMEN VIOLETA

# Mulher...

DIRECÇÃO DE OCTAVIO MENDES

# A MAGIA das

os films que Griffith fazia baseados nos seus conhecimentos de photographia.

As creaturas de Cinema, realmente bellas, pode-se dizer que são poucas. Aqui está uma lista de bellezas de Cinema para analysar.

Corinne Griffith, Norma Shearer, Billie Dove, Nancy Carroll, Joan Bennett, Marion Davies. Isto, para aquelles que acreditam em tudo quanto vêem na tela. Na minha opinião, Greta Garbo, Dolores Del Rio, Dorothy Mackaill, Estelle Taylor, Loretta Young e Claudette Colbert, são pequenas que resistem, mesmo longe das lentes, á qualquer exame de belleza. Claudette Colbert, então, até agora ainda não encontrou lentes sufficientemente sinceras para conseguirem traduzir a sua verdadeira belleza para a tela.

MARION DAVIES

Quando George Eastman disse que "a *camera* jamais mente", a industria ainda estava em embryão, e todo mundo acreditou. Hoje, tudo mudou. Quem disser isto, em Hollywood, arrisca-se a ouvir uma boa gargalhada em pleno rosto...

KAY FRANCIS

CLAUDETTE COLBERT

Em Hollywood, a *camera* é a mais infame de todas as mentirosas, a mais fascinante e fingida de todas as fadas. A prova está no preço que pagam a um operador, como Charles Rosher, por exemplo, só para seguir, annos e annos, sublimando em *close ups* estupendos, a belleza de uma Mary Pickford, para não citar outros e outras.

Porque Griffith mantinha Billy Bitzer, seu operador, trabalhando ou não, sempre recebendo e sempre ao seu lado? A resposta é simples. Elle, magico da *camera*, fazia, com sua Bell & Howell, cousas que melhoravam de 90%

Dolores Del Rio e Greta Garbo são duas creaturas que têm sido magnificamente tratadas pelos artistas da photographia em Hollywood. São, ambas, typos fora do commum. Sem serem bellezas technicas, são physionomias bem proporcionadas. Corinne Griffith e Billie Dove, entretanto, são infinitamente mais lindas do que estas duas citadas e, na tela, não causam o effeito que aquellas duas causam. Corinne Griffith e Billie Dove são creaturas bem iguaes nos seus physicos. Tudo nellas é uniforme, estheticamente perfeito. No convencionalismo do termo, Dolores Costello, June Collyer e Catherine Dale Owen são bellezas. Têm rostos que são bons para a prova photographica das *cameras*. Falta-lhe entretanto, animação, imaginação e *alma* para serem aquillo que outras, muito mais feias, embora, conseguem com a vida que dão ás suas photographias.

Nancy Carroll e Marion Davies são, lado opposto, as duas figuras mais favorecidas pelas *cameras* que já temos visto. Ellas, no Cinema, parecem verdadeiras bellezas. Marion Davies, se ainda se lembram, em *Idyllio á Antiga* mostrou-se linda como jamais alguem a viu. Nancy Carroll, igualmente, tem tido films em que se tem apresentado lindissima. Os *close ups*, inimigos declarados das creaturas sem photogenia, são cousas que nem siquer a põem amedrontada. O seu rosto é extremamente Cinematographico. Marion é, entretanto, uma pequena feiosa de bocca soffrivel e olhos regulares. Nancy, por sua vez como Marion, sardenta, feia, mesmo, rostinho redondo. No Cinema, entretanto, são admiraveis.

Joan Crawford é outra que perde até as sardas com a magia da *camera*... Além disso, mostra-nos seus olhos de uma forma que elles não tem. Ella é outra grande favorecida pela *camera*.

Norma Shearer e Joan Bennett perdem, fora da tela, muito da belleza que apparentam ter. São adoraveis na apparencia, sem duvida, mas muito menos lindas do que o Cinema as mostra.

# Lentes

Loretta Young e Estelle Taylor, entretanto, já são bem ao contrario: perdem muito da belleza real e fascinante que têm para a objectiva que as focaliza. São mais bonitas fora do Cinema do que nelle.

Existem, além destas, outras igualmente lindas, que perdem com as *cameras*, embora não sejam verdadeiros typos de belleza. São ellas: Gloria Swanson, Lily Damita, Dorothy Sebastian, Carole Lombard, Constance Bennett, Myrna Loy, e algumas outras. Algumas dellas perdem com as *cameras* e outras lucram. Kay Francis, Aileen Pringle e Evelyn Brent, da classe das *maliciosas*, tambem são favorecidas pelas *cameras*, umas e desfavorecidas, outras, como o caso de Evelyn Brent.

Creaturas como Greta Nissen, Phillys Haver e Claire Windsor, loiras, todas ellas, jamais foram registradas como realmente são. Perdem com a photographia. Jeanette Loff e Thelma Todd, entretanto, tambem loiras, lucram immenso e, fora da tela, não são, absolutamente, aquillo que as objectivas nos mostram.

Florenz Ziegfield, ainda ha pouco, citou Sally Eilers como a belleza maior de Hollywood, na sua opinião. Ousamos dizer que ella, fora da tela, não é aquillo que Florenz viu nos films...

Existem admiradores de Jeanette Mac Donald que a acham bonita. Outros, naturalmente, perguntarão porque não collocamos Mary Brian nesta discussão de belleza e, ainda, porque nos esquecemos de Olive Borden, Anita Page ou Sue Carol. Ainda existirão admiradores da afogueda Clara Bow e da sapéca Alice White e, mesmo, da terrivel Lupe Velez que acharão ruim não incluirmos estes nomes na nossa observação sobre belleza. Aqui, entretanto, não tenho logar para todas...

Não existe um só caso de uma pequena realmente linda ser photographada como é e nem, outro, de uma mais feia, mas photoghenica, ser registrada como é. A *camera* muda muito as physionomias.

A's vezes para melhor.

A's vezes para peor...

JUNE COLLYER

*Greta Garbo é bem tratada pela lente...*

---

Foram filmados em Hollywood, o anno passado, ........ 1.140.000.000 de pés de film negativo.

Edmund Lowe, Myrtle Steadman e Larry Kent annos a 3 de Março.

卍

Marion Nixon é a heroina de Eddie Quillan em *The Whoop-De-Doo-Kid*, da R.K.O. Pathé, dirigido por Albert Rogell.

*The Honor of the Family, romance* de Balzac, vae ser transformado em film, pela Warner Bros., com Bebe Daniels no principal papel. A historia será modernizada por James Ashmore Creelman e as lutas Napoleonicas passarão a ser lutas da grande guerra...

卍

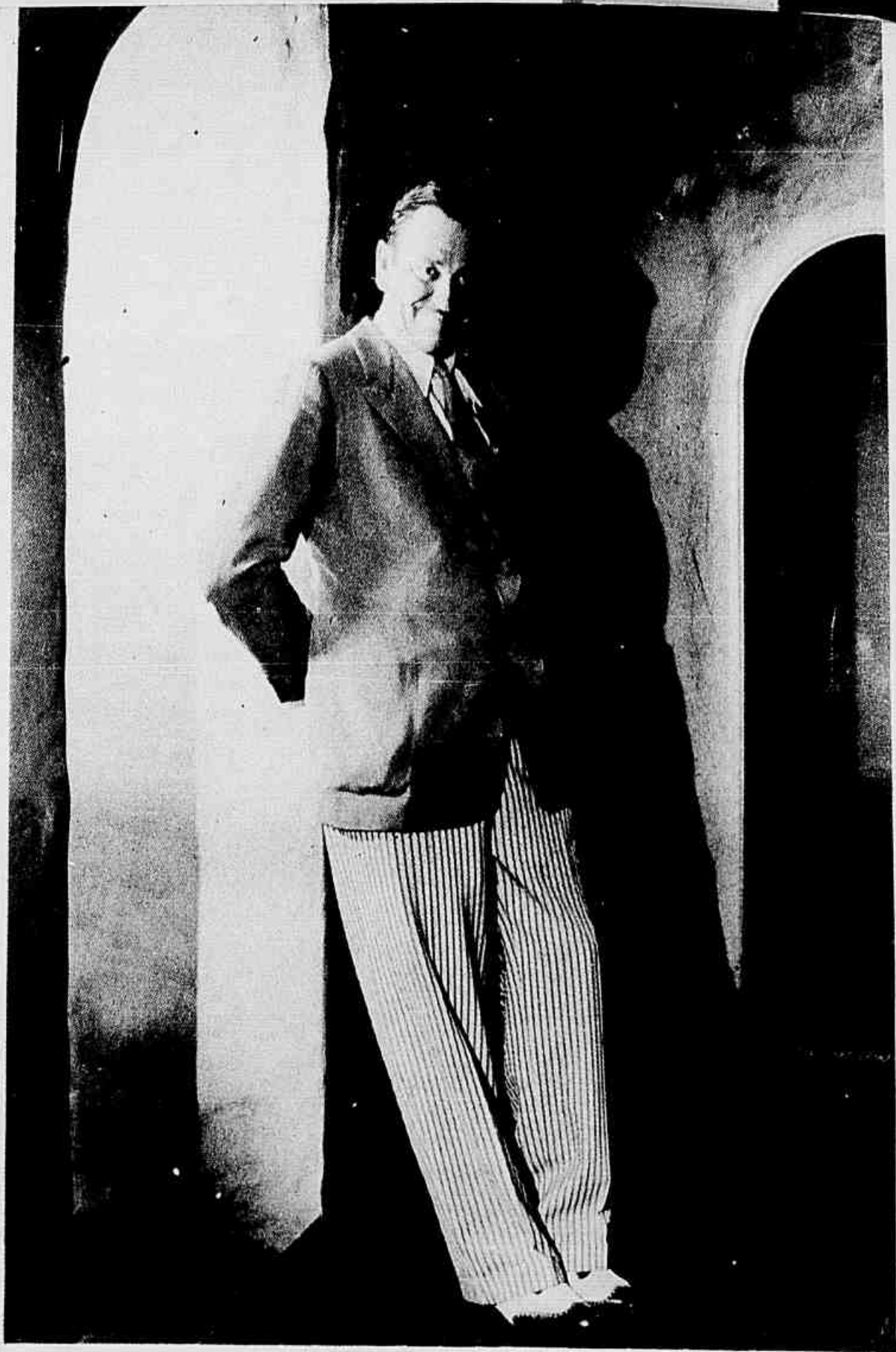
*Waiting at the Church*, um film cheio de *estrellinhas*, será a primeira comedia dirigida por William James Craft para a R.K.O.-Pathé. No seu elenco estão: Marie Prevost, Geoffrey Kerr, Mary Brian, Johnny Hines e Joseph Cawthorne.

JOAN BENNETT

卍

Frank Fay vae figurar em *Lonely Gigolo*, para a First National. Mas com aquella cara?...

卍

卍 卍

Wallace
Beery

Alice White é uma ladra! Mas nós todos já estamos presos aos seus encantos.

# Hollywood e os quarenta ladrões

**Hollywood** tem seus quarentas ladrões, tambem... São os artistas que entram nos films para terem os menores papeis e tomam para si os **principaes**... Não se trata, é logico, de Mary, Douglas, Chaplin, Chevalier ou Clara Bow. Nem, muito menos, de Greta Garbo. Ou **outros.** Aquelles que nem sempre têm os nomes nos cartazes e que, entretanto, são os verdadeiros **donos** dos films...

Stuart Erwin quasi rouba **O café do Felisberto** de Maurice Chevalier, o grande e esplendido Chevalier. Porque elle é muito grande e muito esplendido, realmente, é que não perdeu a partida. Um outro, menos seguro de si do que elle, teria perdido... **O Garoto** obrigou Carlito a dividir o seu successo com Jackie Coogan. **Uma Pequena das Minas** foi mais um film de Jean Arthur do que da **estrella** Clara Bow. Da mesma forma que Mitzi Green roubou da mesma Clara Bow o film **Amor entre Millionarios**... Aliás, diga-se, Clara Bow neste particular é realmente de pouca sorte. Sempre ha, nos seus films, um papel que se sobresae valentemente, ameaçando assustadoramente o seu. Foi o que se deu recentemente, com **Her Wedding Night.** Quasi Charlie Ruggles rouba-lhe a attenção toda do rei publico.

Jack Oakie foi um artista guindado á primeira posição, na fileira Paramount, pelos **roubos** que commetteu. **Sweetie,** (Doce como o mel), foi um delles. Outros tantos elle tambem roubou.

Lupe Velez começou vencendo quando arrebatou para si a attenção do publico que foi ver Douglas Fairbanks em **O Gaucho.** Não poderemos dizer que ella tem esmagado artistas como Jetta Goudal e Edward G. Robinson, em outros films, porque os films já eram seus. Ainda recentemente, o mesmo Douglas Fairbanks quasi perde **Reaching for the Moon,** o seu mais recente film. E quasi perde-o para Edward E. Horton, que tem um papel muito menos importante. Isso não se deu, entretanto, porque elle tambem soube defender-se valentemente.

Estelle Taylor esmagou John Barrymore em **Don Juan.** A Lucrezia Borgia que ella viveu ninguem esqueceu. Ha outros casos, no Cinema, como o de Chester Morris, de **Alibi,** Bessie Love, de **Broadway Melody** e Belle Bennett, de **Stella Dallas,** que são aquelles casos de artistas que brilham immensamente num grande film e, depois... passam a ter um brilho muito menor, embora grande, tambem. Bessie Love e Belle Bennett, mesmo, chegaram á perfeição de cahir até ao esquecimento. Chester Morris ainda sustenta-se.

Depois que roubou **The Sea Tiger** de Milton Sillis, Alice White tornou-se a sensenção da First National. Anita Page, da mesma forma, fez-se immensamente conhecida e apreciada depois de **Garotas Modernas.** Kathryn Crawford, em **Safety in Numbers,** ao lado de Charles Rogers, roubou-lhe o film. Da mesma forma que Fifi Dorsay furtou **Elles tinha que ver Paris,** de Will Rogers.

Nina Mae Mc Kinney roubou **Alleluia** do proprio King Vidor... São assim esses **bate-carteiras** do Cinema... Em **Feet First,** Harold Lloyd soffreu a concurrencia de um preto que é o verdadeiro heroe do film...

Mesmo os grandes astros soffrem tremendas derrotas nas mãos de certos artistas de qualidades inferior em **preço,** mas superior em **especie.** Greta Garbo, por exempló, perdeu **Anna Christie** para Marie Dressler. Emil Jannings, por sua vez, **Alta Trahição** para Lewis Stone.

Tully Marshall. Lembram-se do **roubo** escandaloso que elle commetteu com **Os Bandeirantes,** de James Cruze? Elle e Ernest Torrence, lembram-se?

Louise Fazenda e Lucien Littlefield, quantos roubos não commetteram já?

**Em Sea Legs,** um recente film da Paramount, Jack Oakie soffre uma tremenda perseguição de Eugene Pallette que tudo faz para lhe roubar o film. Beryl Mercer já sovou Gary Cooper, roubando-lhe **Seven Days Leave**...

William Powell foi o maior e mais escandaloso ladrão de quantos já tivemos noticia. Lembram-se de **Armadilha Perfumada,** de **Paixão e Sangue,** de **O Super Homem?**...

Ultimamente é Paul Lukas que tem enveredado por esse caminho. Basta que se diga, para tanto, que a Paramount acaba de o elevar á categoria de **astro,** na vaga deixada aberta pela sahida de William Powell.

Douglas Fairbanks Jr., na opinião de muitos, foi melhor do que Richard Barthelmess em **A Patrulha da Madrugada.** Outros tambem acharam esplendido o trabalho de Neil Hamilton, nesse mesmo film.

**Paul Lukas**

**Lupe Velez.**

Lya De Putti, uma das artistas de mais azar que conhecemos, depois de ter disputado **Varieté** palmo a palmo, com Emil Jannings, tem fracassado medonhamente.

E assim tem sido com muitos films. Os verdadeiros heroes, ao finalizarem os mesmos, ficam varios pontos abaixo dos villões e mesmo de um simples **extra.** A questão é felicidade. Se não fosse isto, até hoje ainda estariamos assistindo films de Elsie Ferguson, Clara Kimball Young, Catherine Calvert e outros assim, caso este frequente e habitual no Cinema allemão, do qual faz parte ha seculos um Harry Liedtke, Cinema esse que nunca teve e nem nunca terá uma Joan Crawford ou uma Barbara Stanwyck...

❖ ❖ ❖

**Correspondent,** ao contrario do que primeiramente foi noticiado, será o primeiro film de William Powell para Warner Bros. **Heat Wave** será feito a seguir. O director será Alfred E. Green e a heroina, Marian Marsh.

❖ ❖ ❖

**Life is Beautiful,** da Paramount, é dirigido por Harry D'Arrast e interpretado por Maurice Chevalier.

❖ ❖ ❖

**Palmy Days,** da United, terá a direcção de Eddie Sutherland e não Eward, como fôra noticiado.

❖ ❖ ❖

A Fox pediu á M. G. M. Jean Hersholt emprestado, para tomar parte, tambem, em **Transatlantic,** o film que William K. Howard está diriginod. Os demais artistas, são: Edmund Lowe, o **astro,** Greta Nissen e Lois Moran.

❖ ❖ ❖

**Sim mas Stuart Erwin deve ser preso**

Al Szeckler, nosso conhecido de muitos annos, que, como todos sabem, foi, por Carl Laemmle muito justamente elevado á categoria de gerente geral de producção, sendo, agora, portanto, terceira figura dentro da fabrica toda, embarcou para Berlim afim de solver os negocios da fabrica em relação ao lançamento de **Sem Novidade no Front,** um dos films que mais balburdias tem succitado na capital allemã. Szeckler o resolverá, com certeza. Aqui era um Cinematographista por execellencia, lá será um batalhador como poucos.

**Louis B. Mayer foi presidente da Associação de Productores Americanos Inc.**

❖ ❖ ❖

**The Next Corner,** o film que Herbert Brenon vae dirigir para a RKO, terá Don Alvarado como galã de Kay Francis, a figura principal. Os outros: Adrian D' Ambicourt, John Sainpolis e William Welsh.

❖ ❖ ❖

**Huckleberry Finn,** da Paramount, será dirigido por Norman Taurog, cujo seccesso **Skippy,** recentemente exhibido, granjeou-lhe nome e fama, e terá como interpretes, Jackie Coogan, protagonista, Mitzi Green, Jackie Searl e Jackie Cooper.

(ANYBODY'S WOMAN)

FILM DA **PARAMOUNT**

Elenco:

**RUTH CHATTERTON** ... Pansy Gray
Clive Brook .......... Dr. Neil Dunlap
Paul Lukas ............ Gustav Saxon
Virginia Hammond .. Katherine Malcolm
Tom Patricola ........... Eddie Calcio
Juliette Compton ......... A ex-esposa
Cecil Cunningham ............... Doty
Charles Gerrard ........ Walter Harvey
Harvey Clark ............. Mr. Tanner
Sidney Bracey ............ O mordomo
Gertrude Sutton .............. A criada

Directora: — DOROTHY ARZNER

Se havia homem de methodo e de costumes rigidos, era elle Neil Dunlap, advogado dos mais estimados nos circulos sociaes e profissionaes. Tudo isto, entretanto, soffrêra profundo abalo. Ellene, sua esposa, fôra leviana. Abandonara-o, cruelmente, em troco dos milhões de um audacioso negociante.

O que se seguiu, depois da trahição da esposa e da vil exploração que do caso fez a imprensa assalariada de New York, foi aquillo que devia succeder, realmente: Neil perdeu toda sua clientella e entregou-se á bebedeira continua como lenitivo para o que sempre era presente, para elle, embora a consciencia lhe aconselhasse relegar para o passado.

Uma noite tremenda de calor, quando Neil, já bebado, em companhia de Eddie Calcio, seu amigo, achava-se no appartamento deste, ouvem, pela porta semi-aberta de um quarto, a conversa maguada de duas coristas que se queixam do calor e das lutas da vida. Sem mais o que fazerem, ambos telephonam para o mesmo quarto e convidam as pequenas para uma ceia. Para ellas, aquillo é o setimo céo. Para Eddie, uma aventura. Para Neil, mais do que bebado, uma cousa tão indifferente como outra qualquer.

Na voz pastosa de embriagado, Neil quasi não é reconhecido por Pansy, a sua afeiçoada naquella aventura. Entretanto, fixando-o bem, ella o reconhece, mais tarde, quando a ceia está a terminar.

— Não se lembra mais de mim?

Ella lhe pergunta.

— Não. Vejo-a agora... Como vou me lembrar de si?

Rememorou o caso: Neil havia sido advogado de Gustav Saxon, empresario theatral. Ella, pela qual Gustav andava apaixonado, fôra, em certo espectaculo, forçada a usar um ligeirissimo traje de bailarina, o que, sem duvida, boliu com os brios da Assiciação de Moral. Condemnada a abandonar o paiz, por falta de moral, viu-se ella em contigencias assustadoras, apenas alliviadas pelo conforto material e moral de Saxon, realmente seu amigo e apaixonado e pela digna e distincta solicitude do advogado do mesmo, Dr. Neil Dunlap. E esse favor, Pansy jamais podia esquecer: Neil livrara-a da deportação.

Ao terminar a ceia, Dunlap já havia feito dezenas de propostas matrimoniaes a Pansy e esta, propensa a abandonar a vida agitada que levava, de palco em palco, acceita. Celebra-se o casamento entre o cheiro de vinho do heroe, da algazarra nefasta dos companheiros e da coragem de Pansy. Estão casados...

O casamento causa um grande escandalo. O proprio Dunlap extranha sobremaneira a sua acção maluca. Pansy, ao contrario, perfeitamente consciente do que fizéra, queria livrar Dunlap do vicio de beber e a isto se impõe pelo dever de lhe pagar o quanto ha tempos fizéra por ella. Os aborrecimentos advêm. Uma irmã de Dunlap, sabendo do casamento, pelos jornaes, procura Pansy e offerece-lhe grandes sommas em dinheiro para que se deixe afastar do marido. Ella repelle o offerta e sempre digna mantem-se fiel ao seu marido.

Gustav Saxon, ao saber do casamento entra a frequentar assiduamente a casa, a pretexto de conversar com Dunlap, mais nisto procurando se achegar a Pansy. Ha frieza entre os conjuges, nota Saxon, mas a adoração que Pansy vota ao marido é alguma cousa subtil e digna que elle não tem forças para comprehender.

Depois de muitos esforços, Pansy consegue livrar seu marido da bebida e, assim, começam novamente seus negocios a prosperar efficazmente. Dunlap, na sua gratidão, procura, em paga, elevál-a ao seu nivel, na sociedade. Ha uma festa que elle offerece á sociedade, com esse fim e, a ella, só comparecem os maridos. As esposas mandam dizer que não acharam o convite sufficientemente digno...

Entre elles, Gustav Saxon.

Dias depois, Saxon volta a casa do seu advogado e encontrando só a esposa, offerece-lhe o seu amor, indignamente e em paga recebe uma tremenda bofetada que responde com uma sahida brutal e um desejo de vingança.

Neil sabe do occorrido, no mesmo dia e, fleugmaticamente, emquanto a esposa espera que elle sugira a reacção e vá tomar, pessoalmente, declara que lastima ter ella feito com que delle se afaste o seu melhor cliente.

Ahi é que Pansy percebe o pouco-quissimo caso que della faz o marido. Resolve dar-lhe a liberdade, novamente e assim lhe diz em palavras seccas, asperas e profundamente sentidas.

Inicia-se o processo de divorcio, aliás interrompido pelo descuido de ambas as partes e embora ambos sintam a falta, um do outro, não mais se procuram e não mais cuidam de si. Saxon não desiste de tentar Pansy e a querer tornar sua esposa, já que não a conseguiu para amante. E assim é que ambos, separados pelo destino, continuam, cançadamente, levando a vida.

# Esposa de

Neil, entretanto, com o correr do tempo, percebe que não pode viver sem sua esposa. Procura-a, por intermedio de Doty, a sua antiga amiga e aluga, pegado ao seu quarto de hotel, um outro afim de melhor della se approximar e melhor poder reatar suas relações com a esposa.

Ali acha-se elle, relutante sobre o que ha de fazer, quando ouve, do quarto de Pansy, vozes que denunciam a presença de

Gustav Saxon que, amoroso, torna a lhe offerecer casamento. Pansy nem diz sim e nem não ás propostas que Saxon lhe faz. Este, apressado, vae ao telephone e pede ao encarregado do Hotel que lhe reserve logares num trem que sahirá dentro de poucos instantes e volta a assedial-a.

Assim que Saxon a deixa em paz, Neil Dunlap entra em scena, decidido a tudo, pela sua felicidade e a della, tambem.

Entra pelo appartamento, rapido, faz com que ella arrume o que é seu e, antes que Saxon regresse, tem-na longe dali, em sua companhia, demandando á **gare** afim de tomar posse dos bilhetes reservados por Saxon e que lhe vão servir, perfeitamente, para a verdadeira viagem de nupcias que elle quer fazer com a Pansy que agora aprendeu a amar...

❖ ❖ ❖

Lothar Mendes foi tirado da direcção de

**Kick In** e posto na de um film reputado "mais importante" para a Paramount. Richard Wallace foi reposto em seu logar, para terminar o mesmo. Clara Bow é "pesadinha", realmente... E agora, então, que dizem até que ella vae morrer?...

❖ ❖ ❖

**Riding for a Fall,** adaptação ao Cinema falado do antigo film **Six Cylinder Love,** que a propria Fox já fez em versão silenciosa, com Ernest Truex como protagonista, terá o seguinte elenco, sob a regencia do director Thornton Freeland: Spencer Tracy, Una Merkel, Edward E. Horton, William Holden, Lorin Baker, Bert Roach, Sidney Fox, Ruth Warren, e. tambem, William Collier Sr.

# ninguem

**An American Tragedy,** afinal posto em producção, é um dos proximos films de Josef Von Sternberg, o admiravel director de tantos bons trabalhos. Phillips Holmes e Sylvia Sidney têm os principaes papeis. Em outros, menores, figuram Frederic Burton e Albert Hart.

❖ ❖ ❖

John Blystone assignou novo contracto com a Fox. Um dos seus ultimos films é **Young Sinners,** com Thomas Meighan e Dorothy Jordan, nos primeiros papeis.

❖ ❖ ❖

**The Next Corner,** argumento de Kate Jordan, aliás já filmado em forma silenciosa, pela Paramount, será refeito com Irene Dunne no principal papel e Herbert Brenon novamente dirigindo. O film será feito pela RKO-Pathé.

❖ ❖ ❖

Dizem que Al Christie é um dos mais formidaveis reformadores que existem no Cinema. Affirmam, isto, em resposta ao facto de ter elle utilisado Charles Ruggles, Lew Cody e Harry Myers, os maiores bebados do Cinema (nos films!), como heroes de dois films seus: **Charley's Aunt** e **Meet the Wife,** sem os deixar siquer tomar um trago...

❖ ❖ ❖

Gregory La Cava foi contractado pela RKO-Pathé. O seu primeiro film, sob este novo contracto, será **Nancy's Private Affair,** com Mary Astor no principal papel.

❖ ❖ ❖

Boa **bóla:** — Mervyn Le Roy disse, á alguem, que não sabia porque razão não podiam os films sobre prisões e ladrões serem combinados com os films cantados e dançados. Affirmou que não sabia, allegando que a principal prisão dos Estados Unidos autorizavam a união. Não se chama ella **Sing Sing** (Cante Cante)?...

❖ ❖ ❖

Quatro ex-directores figuram em **Kich In,** o ultimo fim da infeliz e estupenda Clara Bow: Donald Makenzie, Wade Boteler, Donald Crisp e Paul Hurst.

E' provavel que Merna Kennedy seja contractada por longo praso pela M. G. M.

❖ ❖ ❖

Lilyan Tasman foi contractada pela Paramount para a vaga deixada por Kay Francis.

❖ ❖ ❖

A M. G. M. está considerando elevar a **astros,** Adolphe Menjou, Charlotte Greenwood e Robert Montgomery.

❖ ❖ ❖

**Helga,** scenario de Beulah Marie Dix, para a RKO-Pathé, é vehiculo para Betty Compson, dirigida por George Arhainbaud.

❖ ❖ ❖

Johnny Hines é um dos mais importantes membros da Sociedade Catholica de Hollywood.

❖ ❖ ❖

Restam apenas 4 films á Fox para fazer, pelo seu programma 1930-1931.

❖ ❖ ❖

Albert Ray foi contractado pela Paramount para dirigir films curtos. Elle abandonou a Warner Bros. Vitaphone ha poucos dias e irá dirigir os films de Al St. John, Ford Sterling e da dupla Karl Dane-George K. Arthur, todos recentemente contractados pela referida Paramount.

❖ ❖ ❖

Carey Wilson, scenarista, está accionando a Paramount e allegando que o film desta, recentemente exhibido, **Scandal Sheet,** é uma imitação total do seu argumento **Iron Man Mooney.**

# O Caminho de Santa Fé'

(THE SANTA FE' TRAIL) — *Film da Paramoun*

RICHARD ARLEN . . . . . . . . . . Stan Hollister
Rosita Moreno . . . . . . . . . . . . . . . . . . Maria
Eugene Pallette . . . . . . . . . . . . . . . "Doc" Brady
Mitzi Green . . . . . . . . . . . . . . . . . . . Emilita
Hooper Atchley . . . . . . . . . . . . Marc Coulard
Junior Durkin . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . Joe
Luis Alberni . . . . . . . . . . . . . . . Juan Castinado
Lee Shumway . . . . . . . . . . . . . . . . . . . Slaven
Blue Cloud . . . . . . . . . . . . . "Penna de Aguia".

Directores: OTTO BROWER & EDWIN J. KNOPF

Don Juan Castinado tinha orgulho da nobreza dos seus antepassados e tinha saudades da esposa que morrera, dois cultos da sua alma simples e boa. A primeira, suppria-a elle com o seu porte distincto e realmente nobre e, a segunda, com a presença continua da sua deliciosa Maria, filha querida e figura ingenua que enfeitava de encantos raros aquelle solar.

De sua propriedade era a "Spanish Acres", fazenda enorme e de lucros avantajados e em torno della é que se voltavam varias attenções daquellas planicies...

Esbarrando, ás vezes, com algumas difficuldades financeiras, Don Juan não tem escrupulos em pedir o auxilio de Marc Coulard, seu vizinho e homem que tem na conta de melhor amigo e mais sincero companheiro. Marc, entretanto, não lhe pede uma só garantia pelo dinheiro avultado que empresta, apenas acceita, quando o velho insiste, a doação de algumas das immensas terras que lhe pertencem, em forma de penhor.

Como e porque Marc assim se inculcara no amago da familia Castinado, ninguem sabe ao certo. Talvez por suas maneiras affaveis, talvez por seu agudo espirito de observação... O facto é que Don Juan é seu incontestavel amigo e não admittindo, mesmo, que delle qualquer cousa se diga.

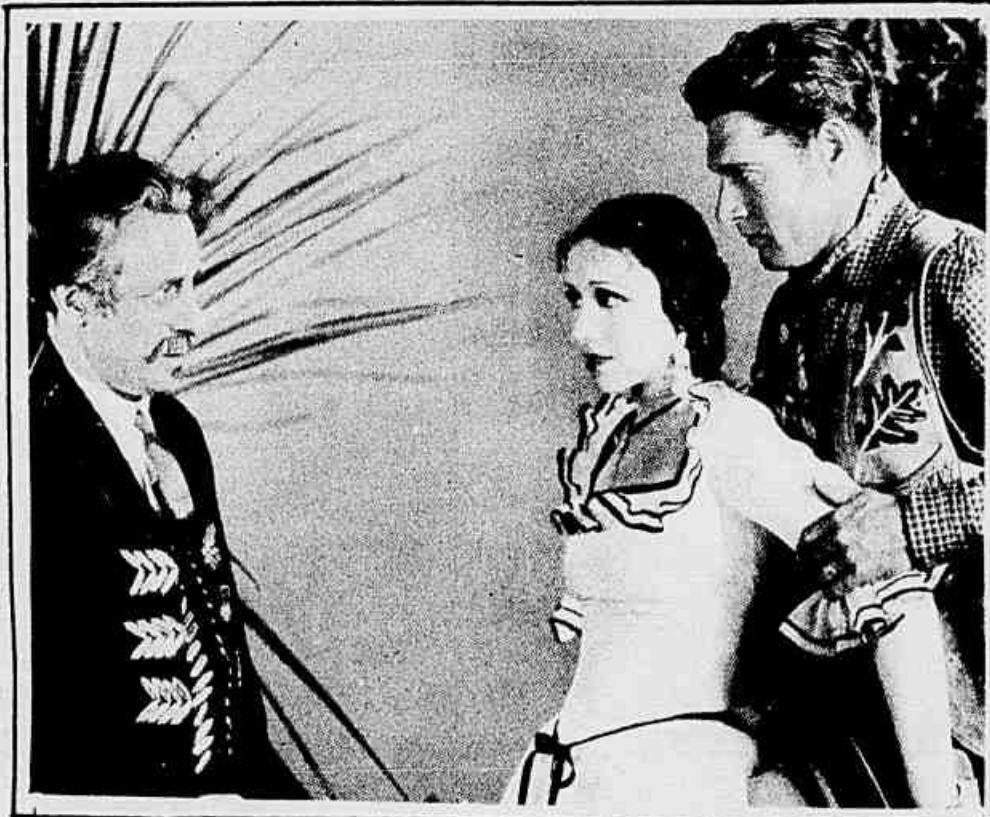
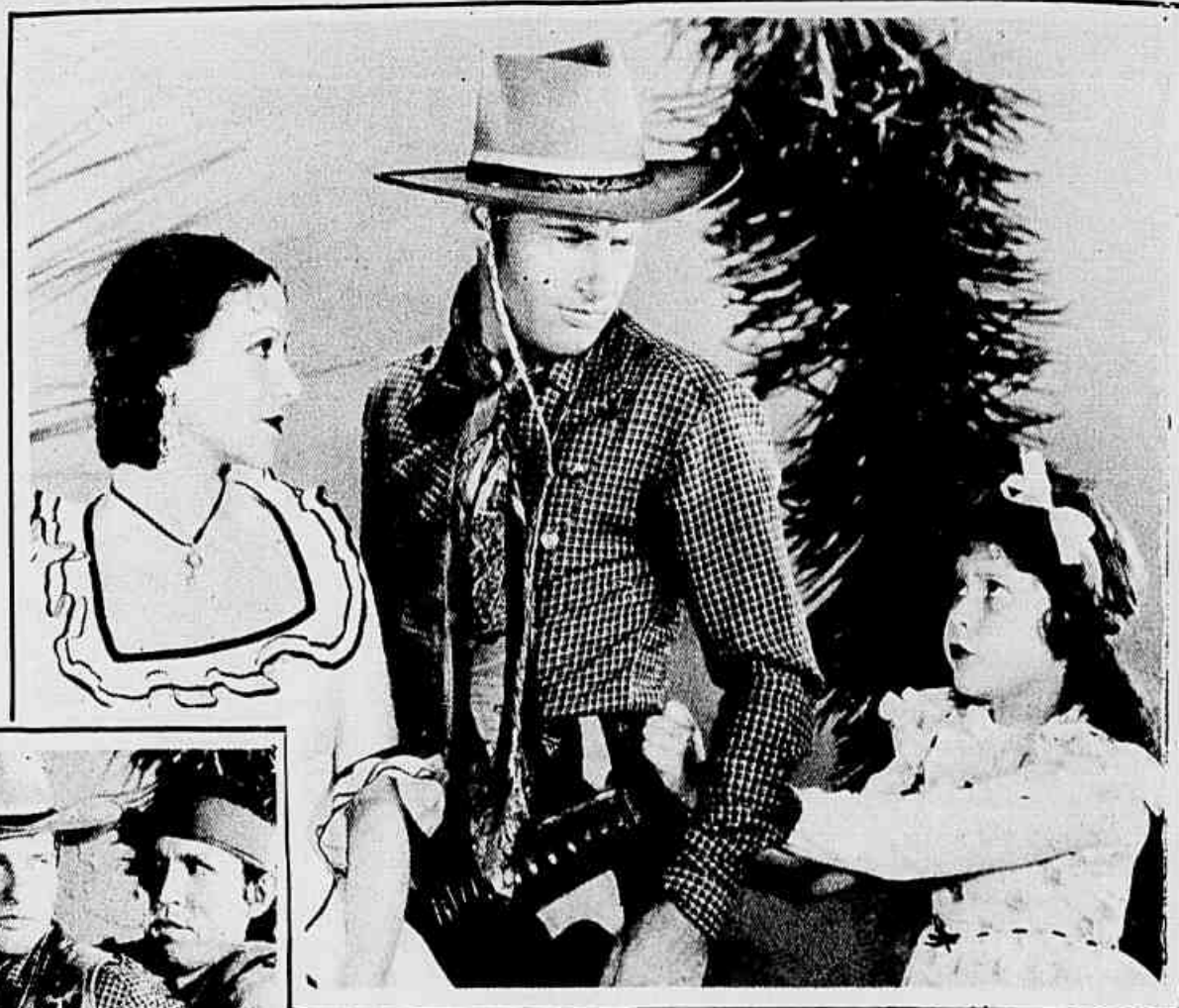
O maior inimigo de "Spanish Acres", entretanto, são os indios. Elles fazem ainda guerra contra os pastores e criadores das franteiras e por isso, ás vezes, até á propria fazenda levavam a dór e a morte, com seus violentos ataques.

Por ali andava, exactamente, Stan Hollister, americano de nascimento e criador de gado, por profissão, dono, aliás, de um immenso rebanho. Encontrámol-o, aliás, em situação difficil. Seus companheiros de jornada, atemorizados com os indios, não querem proseguir e, mais agindo do que falando, partem e deixam-no apenas em companhia de Brady, seu fiel servidor e bom amigo, o qual nem por nada abandona Stan.

A solução mais pratica que encontram é procurar conversa mais intima com os indios, afim de os convencer a indicar-lhe bons pastos para o mesmo rebanho, tanto mais que já se approxima o fim do verão.

O unico meio aconselhado pelos desconfiados indios é procurar "Spanish Acres" e propor qualquer negocio ao dono, Don Juan Castinado, afim de poderem abrigar o immenso rebanho nos pastos do mesmo, os mais ferteis e os mais garantidos. E é para lá que se dirigem Stan e Brady e Joe, um gury prudentissimo e espertissimo que muito auxiliava Stan e Brady nas occasiões difficeis. E lá se vão

elles, pelo Caminho de Santa Fé, á procura do lar dos Castinados.

Chegando, Stan encontra-se com Maria e esta diz-lhe que o pae se acha na villa, fazendo negocios e compras e que apenas regressará pela noitinha, convidando-o a repousar, em seguida. Explica-lhes ella, ainda, que a casa está sendo preparada para uma grande festa que se vae realizar á noite e que a opportunidade de lhe falarem, durante a festa, é ainda maior.

E assim se faz.

O olhar que Stan trocara com Maria, na hora da despedida, momentos, antes, fôra inequivoco: ambos haviam sympathisado um com outro e do coração della elle tudo podia esperar.

Stan, apresentado a Don Juan, conversa a sós com elle e propõe-lhe o negocio que o interessa: fornece-lhe Don Juan os campos para abrigo do rebanho e Stan o fará socio na venda da lã e da carne. Uma unica cousa atormenta Don Juan: é que virão com os rebanhos os seus pastores, naturalmente, e sendo elles indios, tem Don Juan a elles verdadeira aversão, cousa de instincto e impossivel de se vencer.

— Só se não entrarem os indios!

E' a sua phrase final. Era um odio razoavel, aliás. Don Juan tinha, de quando em quando, sem saber como e nem porque, casas e mais casas incendiadas, pastos queimados, fome e miseria por varios lados, com grandes prejuizos. Quem poderia ser o autor de tudo isso, senão o indio selvagem?

Ali estão ainda os dois em palestra, quando interrompidos são pela entrada intempestiva de Marc, o conhecido e já citado amigo de Don Juan. Apresenta-o elle a Stan e conta-lhe o negocio que lhe viera o joven propor. Na transacção, Coulard vê o fim dos seus planos, pois com o lucro da venda da lã e da carne, Don Juan lhe pagará e já se contraria immensamente com isso. A sua intenção, aliás, era visivel: queria apossar-se da propriedade toda e havia de conseguil-o, ainda que fosse obrigado a deixar a astucia para tomar tudo pela força e sem que Don Juan perceba, convida Stan para comparecer no seu escriptorio no dia seguinte, para combinarem qualquer outro plano para o negocio que diz tambem o interessar.

Dias antes, é preciso que se explique, Don Juan havia soffrido um tremendo ataque dos indios e estes lhe haviam consumido, com o fogo, varios celleiros de trigo e milho, motivo pelo qual fôra o velho obrigado a recorrer a mais um emprestimo de Marc Coulard, dando-lhe em penhor mais um trecho de "Spanish Acres". E é isto que Hollister vem a saber no dia immediato, quando procura Coulard para conversar com elle e saber dos seus planos. Stan, entretanto, conversa apparentemente convencido das palavras de Coulard, mas intimamente convicto de que elle é um grande crapula. Mas, além disso, tem a certeza, por ter ouvido, momentos antes de ali entrar, uma conversa de Coulard com seus sicarios, sabendo, por ella, que era Marc o autor dos ataques a "Spanish Acres", para arruinar o velho e forçal-o a emprestimos, e não os indios, como Marc insinuava.

Da conversa passam á discussão e, desta, á ameaça.

— Menino, não se metta commigo! Deixe-me em paz e não interfira nos meus planos. Se você o fizer, come chumbo!!!

Accompanhando isto, Marc faz um ligeiro movimento para armar-se. Quando assim o faz, já tem contra si apontadas as balas todas do revólver de Stan. Antes de sahir, diz-lhe o rapaz:

— O negocio entre Don Juan e eu, será fechado. Afaste-se de "Spanish Acres" se tem amor á pelle...

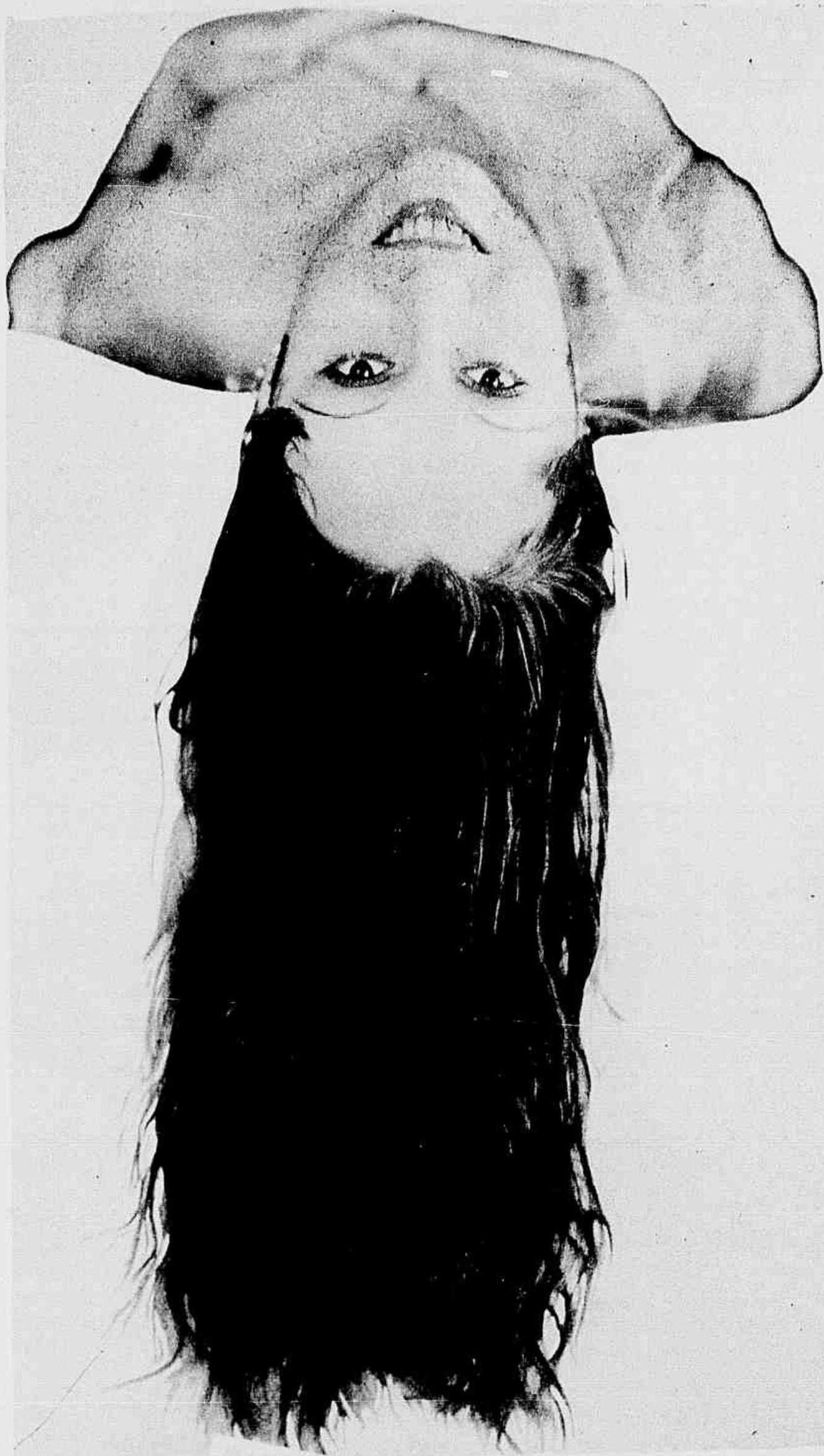
E partem.

Quando Stan chega á fazenda de Don Juan, encontra-o seu inimigo. Marc já o precedera e envenenara a verdade de todos os acontecimentos, dando o rapaz como socio dos indios e verdadeiro insufflador dos ataques dos mesmos a "Spanish Acres". Stan argumenta e conta a verdade do que vira no escriptorio de Marc. Desprestigiado por Don Juan, que não lhe dá ouvidos, sujeita-se á prisão que lhe ordena Don Juan, armado, para não atacar e nem contrariar o pae da mulher que já amava. Era inutil insistir com elle naquelle momento. Era amigo de Marc e conhecia-a havia instantes, apenas. O dia seguinte havia de provar alguma cousa, com certeza...

Joe e Emilita, o garoto e a pequena da fazenda, caminhavam a esmo ao lado de um valle passeando, quando Joe assiste a uma cousa incrivel. Marc Coulard conversa com um chefe indio, amigavelmente e, depois, quando este lhe volta as costas para partir, atira-lhe cobardemente, matando-o. Em seguida, colloca-o brutalmente sobre o dorso de um animal e despacha-o em direcção ao acampamento dos pelles vermelhas. Estarrecido, apatetado, Joe custa a sahir do seu torpor. Depois que o faz, corre em direcção da fazenda, afim de relatar aquillo que presenciara.

Marc, entrementes, procura a tribu e assiste á chegada do cadaver do chefe. Explica que a tudo assistira e que Hollister fôra o covarde assassino de Sutaneck, o chefe indio.

— A vingança urge! Elle está em "Spanish Acres", agora, tudo fazendo para voltar as iras dos Castinados contra a vossa gente! Ide!!!

(*Termina no fim do numero*)

Ann Gorday

E' do elenco de Mack Sennett...

# A tela em revista

*Kay Johnson é a "Madame Satan"*

CLAREANDO...

Registamos com satisfação, sem duvida, o numero bem menor de producções *habladas* que temos assistido. Os distribuidores têm comprehendido isso e já nos têm enviado as versões originaes, como os casos de *Prohibida de Amar*, que tinha versão hespanhola e *Resurreição*, que vae ser exhibido em inglez, apesar de ter versão hespanhola, tambem. Isto é sinonymo de boa orientação e as deducções são logicas: os elencos originaes são muito mais perfeitos, o acabamento é mais completo na versão principal e as direcções, idem. Porque insistir? E' logico que as referidas versões hespanholas podem ser exhibidas e devem, mesmo, para demonstrar o quão inferiores são, mas devem ser pelos bairros e nunca pelos principaes Cinemas. Os attentados, que nos foram mostrados, provam, de sobra, o que valem taes films.

O mais interessante, entretanto, era que taes films eram exhibidos sem letreiros, como se aqui a lingua hespanhola fosse tão conhecida e divulgada! Felizmente já vemos menos versões semelhantes e não mais as veremos, se mais ajuizados ainda ficarem os destribuidores. S. Paulo viu, ainda ha dias, a versão hespanhola de *The Sacred Flame*, sob o titulo *La Liama Sagrada* e com Elvira Morla, Luana Alcaniz, nos primeiros papeis. Nós ainda não vimos, felizmente. Para mostrar o que de ruim ellas podem fazer ás fabricas que as produzem, basta citar o que *Ladrão Irresistivel* e *Olympia* fizeram para a M. G. M.... Que cessem, são nossos votos! Para os que não entendem inglez, a voz é um complemento sonóro e o letreiro explica o sufficiente. Para os que entendem, sempre é mais interessante do que o hespanhol.

M MADAME SATAN — (Madam Satan) Film da M. G. M. — Producção de 1930.

O typo do film-conforto, do film-bem estar. E' de uma photogenia que inebria, que arrebata, que enche a vida de esperança e a alma de contentamento. E' um film bom para o espirito cansado, mas tambem é bom para o espirito ansioso: diverte e alegra a ambos. Divertimento por excellencia, photogenico do mais insignificante detalhe á mais importante scena. *Madame Satan* está fadado a ser uma das conquistas do Cinema falado e faz esse milagre quasi incrivel nesta epoca de films geralmente maus e poucas esperanças em realmente grandes trabalhos: apresenta canções, dansas e bailados sem o menor aborrecimento na platéa e traz um bom humor unico ao espirito com suas scenas de uma graça fina e um sorriso ao espirito, com suas scenas maliciosas, mas de uma malicia sã e correcta, malicia-de-casaca que só mesmo De Mille ou Lubitsch podem e sabem mostrar dessa forma.

O thema de *Madame Satan* é até vulgar, além de convencional: a esposa honesta, virtuosa, que se faz "vampiro", para rehaver seu marido dos braços roliços e quentes de uma amante-peccado. O tratamento de Jeanie Macpherson é bem original e a direcção de De Mille, ao lado da photographia de Harold Rosson, conseguem transformar a producção em "super".

Kay Johnson é outra affirmação do talento de De Mille, neste film. Aresenta-se simples, boa, carinhosa, no principio do film. Depois, no baile do "zeppelin", muda radicalmente: exhibe-se discretamente desnudada, lindamente seductora, photogenicamente magnifica na sua "fantasia" de mulher moderna e perigosa. O seu trabalho, todo fruto de uma direcção mais do que habil e cuidada, e differente de todos quantos já apresentou e em certas scenas, mesmo, como naquella em que se revela ao marido que a tem nos braços como se fosse outra mulher, está admiravel. Reginald Denny é um esplendido marido. Tambem está differente e tambem melhor. De Mille pol-o em situações engraçadas como uma graça que elle ainda não havia mostrado: sobria e distincta e pol-o em situações dramaticas revelando-o outro.

Roland Young, entretanto, é o senhor de todo film. No papel de amigo intimo de Reginald e empenhado na sua felicidade, está simplesmente magnifico. Elle é um comico de grande valor e grande futuro. As suas possibilidades são innumeras.

Lillian Roth, morena e fascinante, apresenta-se um pouco deslocada, no seu papel. Mas, assim mesmo, está esplendida. Wallace Mac Donald, Eilfred Lucas, Tyler Brooke, Martha Sleeper, Alberto Conti, e Theodore Kosloff, este ultimo num excellente e bem moderno bailado, completam o elenco.

Não ha uma scena que não alegre a vista e nenhuma que não devirta e encante. Alguem taxará o film de "asneira" ou 'futilidade", talvez. Mas o caso é que como diversão é excellente e quem vae ao Cinema é para se divertir. Nem sempre existem films como este e Cecil B. De Mille dirigindo-os, ainda por cima.

Gladys Unger e Elsie Jannis escreveram os dialogos que são, aliás, para quem os entender, de um espirito unico e de uma malicia agradavel. Harold Rosson photographou.

A scena capital do film é o desastre do "zeppelin". Muito bem mostrada, esplendidamente jogada e, além disso, como todo film, aliás, favorecida pela gravação excellente desta copia.

Este film é muito melhor do que *Bonecas de Lama*, o primeiro que De Mille fez para a M. G. M. E' mais ou menos alguma cousa no genero de *Alvorada do Amor* e com muito valor. Todos os quadros, embora photographados na forma mais simples de Cinema, isto é, sem angulos ou posições acrobaticas, são maravilhas de bom gosto e esthetica. O director é um dos grandes inspirados do Cinema, que sabem fazer Cinema com o verdadeiro cunho de diversão que elle deve ter: photogenia, comedia e drama, misturados, tragedia, ás vezes e um final feliz, mais do que logico.

A voz de Kay Johnson é bastante agradavel. Igualmente a de Reginald Denny e Lillian Roth. Ha piadas formidaveis durante o film todo e detalhes maliciosos que fazem as delicias dos espectadores.

Cotação: — BOM.

M ANJOS DO INFERNO — (Hell's Angels) — Film United Artists — Producção de 1929.

Aqui está, finalmente, deante de nossos olhos, o film que o millionario e productor de films Howard Hughes começou a fazer ha varios annos passados. Que o fez em fórma silenciosa. Que o refez em forma falada. Que modificou historia, elenco, scenario e tudo e acabou até dirigindo, auxiliado, na parte de dialogos, por James Whale.

E' um majestoso espectaculo para as pessoas que apreciam os dramas da aviação e um film de certos meritos, embora com alguns defeitos, para aquelles que apreciam Cinema e films de guerra.

*Marion Davies a antiga...*

O que ha de melhor, nelle, são os apanhados de aeroplanos, verdadeiras maravilhas photographicas e certos apanhados ousadissimos de *camera* que mostram cousas da guerra aerea numa forma bem viva, chegando a emocionar, mesmo, como aquelle do avião projectando-se sobre o "zeppelin", num sacrificio mais do que sublime e outros, naquelle tremendo combate que se trava em torno do grande Gottha.

O film, na sua parte de enredo, isto é, na sua parte dramatica, de representação, tem momentos de valor e momentos fracos. Mas é, todo elle, um constante exhibir de sacrificios pela patria, de arrojos e bravuras que animam e dão enthusiasmo. A sua parte amorosa é fraca, tambem. Aquelle jogo de sequencias entre Jean Harlow, Ben Lyon e James Hall não tem um encadeamento logico. Falta qualquer cousa mais plausivel e interessante. Os beijos são de fogo, entretanto, e as scenas, algumas, principalmente aquellas com Lena Malena, naquelle "Café", de uma ousadia raras vezes vista em Cinema. O valor de certas sequencias, como a do "zeppelin" que vae bombardear Londres e afinal, toda ella, compensam de sobra qualquer erro.

As suas montagens são formidaveis, as reconstituições estupendas, as miniaturas muito bem disfarçadas, e até os proprios "impossi-

veis" removidos pelo poder do ouro de Howard Hughes, todo á disposição do film.

A versão que assistimos é parte silenciosa, apenas synchronizada, parte falada e toda sonóra. Vale citar a orchestração de Hugo Riesenfeld que é primorosa.

Ben Lyon é o melhor artista do film. James Hall tem um papel um tanto ou quanto despido de interesse. Jean Harlow terá grande futuro no Cinema. Tem *it* em penca e belleza a valer. John Darrow, Lucien Prival, Douglas Gilmore, Jane Wintom, William Davidson, Wyndham Standing, Lena Malena e Joan Standing ,completam o elenco. Argumento de Marshall Neilan e Joseph Moncure March. Scenario de Howard Estabrook e Harry Behn. Operadores, Gaetano Gaudio, Harry Perry, E. Burton Steene, Elmer Dyer, Harry Zech e Dewey Wrigley.

AFirst National fez *Patrulha da Madrugada* depois deste film. Houve discussão e briga pelos tribunaes por causa de "roubo de idéas". Agora que vemos *Anjos do Inferno*, é que averiguamos que a razão cabe realmente á Caddo, na pessoa do seu proprietario, Howard Hughes. A sequencia da ida do Gotha para bombardear o deposito de munições, abrigado na propria pintura e nas proprias asas, que haviam sido arrebatadas aos allemães e das quaes os proprios allemães não podiam desconfiar, é totalmente copiada em *Patrulha da Madrugada*. Outros trechos, tambem.

Podem ver, que é um majestoso espectaculo. Para os que estiveram saturados de films de guerra e films de aviação, diremos que este não é um *Sem Novidades no Front*, é logico, mas é um dos grandes films de guerra que temos visto e um dos mais majestosos, tambem.

Cotação: — BOM.

M LILIOM — (Liliom) — Film da Fox Producção de 1930.

Não sei o effeito que têm as palavras de Franz Molnar num palco, ditas por artistas de theatro e com montagens de papelão pintado. Talvez fossem espirituaes ao extremo e talvez menos ridicula a sua parte "espiritual". Possivel, tambem, que outra fosse a impressão que haviamos de ter de Liliom, o heroe do assumpto e outras as perspectivas, como theatro.

Como film é um film que tem uma grande idéa e uma má realisação. Frank Borzage não foi, jamais, feliz como em *Setimo Céo*. Repisamos isto, sempre, porque sentimos que não se reproduza aquelle magistral trabalho. E, além disso, Rose Hobart não é a Julie que todos sonham ver ali. Nem ella e nem Charles Farrell estão dentro dos seus papeis. Elle é demasiadamente ingenuo, demasiadamente sentimental, espiritual, mesmo, para um papel de homem conquistador e ousado como Liliom suggere. Edmund Lowe estaria mais dentro do papel. E ella tem uma expressão demasiadamente parada e um todo desagradavel demais para o papel de esposa abnegada e meiga. Não convence. Janet Gaynor, nelle, melhoraria o film. E' a sua suavidade que ali faz falta.

A grande idéa, a basica, aquella que mostra a "outra vida", falhou. Está ridicula, com H. B. Warner como "supremo magistrado", todos aquelles cavalheiros com capacetes de anjo e um anjo Gabriel ridiculo como o pinta Harvey Clark. O final é lindo, quando elle fala á filha e ella não o reconhece. Quando elle a esbofeteia e ella não sente dor. Aquillo é lindo. Mas não foi mostrado como deveria ter sido. Frank Borzage poz novidade e curiosidade até nas proprias montagens e criou, mesmo, cousas perfeitamente espirituaes dentro do film todo. Mas não conseguiu tirar do film o seu aspecto arido e desinteressante. Fel-o seguindo a peça. Não o fez para a alma do apaixonado de Cinema. Talvez caiba a Sonya Levian, scenarista, a maior parte da culpa. Talvez. Mas Frank Borzage poderia ter feito um film infinitamente melhor.

Chester Lyons operou e fel-o com maestria. Estelle Taylor tem um curto papel. Não o compromette. Lee Tracy, James Marcus, Guinn Williams, Lillian Elliott e Bert Roach, apparecem.

Cotação: — BOM.

M O ESPIÃO DA POMPADOUR — (Der Spion der Pompadour) — Programma Urania.

Film na fórma pela qual os allemães nunca erram: de epoca.

Bons trechos, no argumento, boa interpretação, principalmente da parte de Fritz Kortner. No papel de louco é bom.

Liane Haid é a principal figura feminina. Ha esplendidos angulos de machina e alguns, mesmo, artisticos e maliciosos...

Agnes Esterhazy, como Pompadour, muito bem. Mona Maris apparece pouco, mas bem. Alfred Gerash, Dane Morel, Karl Grauman e H. Malikoff, figuram.

A direcção é de Karl Grüne.

Cotação: — BOM.

M IDYLLIO A' ANTIGA — (The Floradora Girl) — Film da M. G. M. — Producção de 1930.

Uma comedia bem boa, esta, mostrando cousas do passado na forma mais satyrica e curiosa possivel. Harry Beaumont soube explorar o thema e Marion Davies viveu o papel central com toda a graça e toda a arte que nella é tão bem conhecida. A scena do baile é curiosissima e ha detalhes, nella, de intensa comicidade. A athmosphera é perfeita e tudo está muito bem observado. A scena em que que Marion se prepara para ir a festa, igualmente boa. Lawrence Gray é que estraga o film todo! Que galã!

Walter Gatlett, Robert Bolder, Nance O'Neill, Sam Hardy, Claud Allister, Anita Louise e outros, figuram.

Assistam, que vale a pena. O argumento é de Gene Markey. Scenario, de Ralph Spense, Al Boasberg e Robert Hopkins. Oliver T. Marsh, operou.

Cotação: — BOM.

M MULHER ENTRE AMIGOS — (My Past) — Film da Warner Bros. — Producção de 1931 — (Programma First National).

Lindos ambientes, gente bem vestidas banheiros luxuosos, passeios de "hyate" etc., mas um argumento, sem pé nem cabeça. Nunca se viu Bebe Daniels tão feia. Lewis Stone é o melhor e Ben Lyon figura, mas Joan Blondell chama mais a attenção. Não ha direcção.

Cotação: — REGULAR.

M SUNNY — (Sunny) — Film da First National — Producção de 1930.

William A. Seiter, o director, deu uma feição mais Cinematographica ao assumpto e, assim, salvou-o da mediocridade usual dos films do mesmo genero. O seu trabalho mereceria mais elogios, ainda, se não fosse Lawrence Gray o galã. Estamos até ás orelhas cheios de Lawrence Gray! Quando um film apparece e elle no mesmo toma parte, vamos assistir, sempre com a esperança de o ver melhor. Mas qual! Peora cada vez mais e cada vez mais se torna desinteressante. O elenco, inclusive Marillyn Miller, é de theatro. Joe Donahue, Mackenzie Ward, Judith Nosselli e outros. O. P. Heggie, Barbara Bedford, Clyde Cook, William Davidson e Ben Hendricks Jr., tambem figuram.

Marillyn é muito engraçadinha, dansa muito bem, é realmente interessante, mas tem qualquer cousa de cacete que não sabemos explicar o que seja. Salva-se com o elemento theatral de que se cerca e, dentro delle, com seus recursos proprios. A scena do portão, com Joe Donahue e Inez Courney, bem engraçada.

Argumento de Otto Harbsch e Oscar Hammerstein II. Scnerio de Humphrey Pearson e Henry Mc Carty. As melodias são de Jerome Kern.

Cotação: — REGULAR.

M O DEUS DO MAR — (El Diós del Mar) — Film da Paramount — Producção de 1930.

Mais uma versão hespanhola que nos priva de assistir o film original que a critica reputou agradavel e curioso. E. D. Venturini, o director, é fraquissimo e a escolha de Ramon Pereda para o papel que Richard Arlen teve na versão original é a mais errada possivel, embora seja soffrivel o seu trabalho. Rosita Moreno é o unico ponto agradavel que tem o film, assim mesmo por causa do seu rosto, apenas. Manuel Arbó, José Peppett e Julio Villareal têm papeis e, todos elles, cacetissimos.

Ha varios *shots* aproveitados da versão original e, por isso mesmo, bons.

Cotação: — MÁO.

M GANHANDO O MUNDO — (Top Speed) — Film da First National — Producção de 1930.

Uma farça que Joe E. Brown desta vez salva um pouco. Mas a corrida de barcos á gazolina basta para comprometter o film todo...

Bernice Claire tem voz, mas felizmente não esta mais no Cinema. Jack Whiting é "outro" daquelles galãs que se privam de levar batatas em pleno palco, por serem aqui apresentados em telas... Laura Lee é feliz em algumas scenas e agrada. A sequencia do sofá, com Joe E. Brown é engraçadissima. Rita Flynn, Edmund Breese, Wade Boteler, Cyril King e Edwin Maxwell, apparecem.

Mervyn Le Roy, não parece o director de *Paixão de Todos*, neste film, e perde alguma cousa no conceito dos *fans*, mesmo.

O argumento é de Harry Ruby, Bert Kalmar e Guy Bolton. O scenario, de Humphrey Pearson e Henry Mc Carty.

Cotação: — REGULAR.

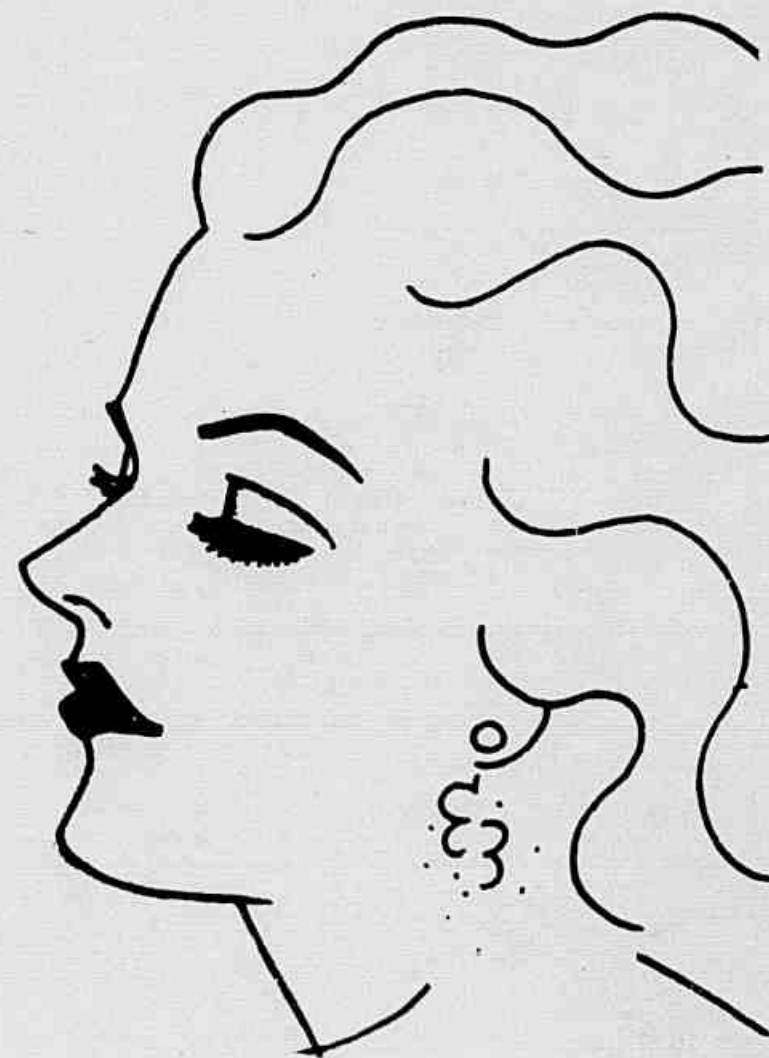
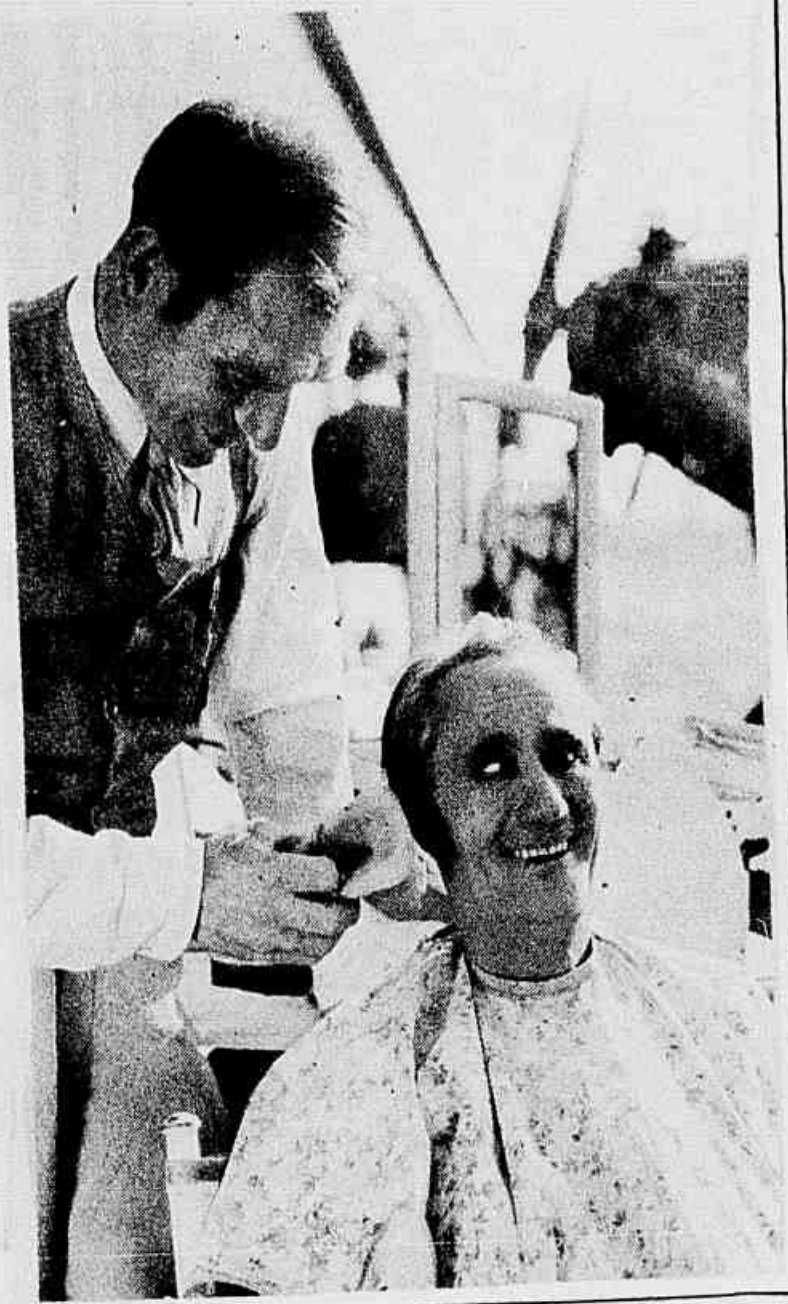
M A ESTRELLA DA FORTUNA — (The Broadway Hoofer) — Film da Columbia. Producção de 1930 — (Programma Matarazzo).

Ainda da epoca em que films apenas cantados e dansados faziam successo. Mas não chega a aborrecer, de todo e o seu scenario é aceitavel, em certos trechos.

Marie Saxon não é grande artista, mas canta soffrivelmente e dansa muito bem. Jack Egan, sempre insupportavel. Louise Fazenda tambem figura e está esplendida. Ernest Hilliard, como villão, sem interesse.

A direcção é de George Archainbaud.

Cotação: — REGULAR.

*Jean Harlow é o "anjo do inferno..."*

*BEN TURPIN ANDA MEIO ATRAVESSADO COM O TECHNICO DE "MAQUILLAGEM".*

NILS NORTON (Porto Alegre, Rio G. do Sul) — E' verdade, sim. Até ia figurar em "The Secret Call" e a Paramount, depois do seu ataque que a levou ao hospital, profundamente doente, poz Peggy Shannon no seu papel e fez proseguir o ensaio do film. Deu-se o mesmo ataque no domingo, dia 3 de Maio e, naturalmente, fructo dos abalos moraes que o caso da sua secretaria, Daizy De Voe, lhe trouxe. Tambem é verdade o caso da Sud Film. A sua opinião sobre o tal film é a minha. Deverá ir ate ahi, sim. Então ha um anno, já? Pois volte quando quizer!

J. PEIXOTO (Rio) — 1.° Jeanette Mac Donald, Fox Studios, 1401 North Western Avenue, Hollywood, California; 2.° Lupe Velez, actualmente em New York, figurando na peça "Argentina", para a empresa do fallecido David Belasco; 3.° Deixou o Cinema; 4.° Conchita Montenegro, M G M Studios, Culver City, California; 5.° Loretta Young, First National Studios, Burbank, California.

LIA TAMAR (S. Salvador, Bahia) — Respondo a todas cartas que recebo, amiguinha Lia. Apreciei suas opiniões. Dos artistas que lhe interessam e das quaes pediu informações, apenas a ultima se acha ainda em actividade. As outras duas desistiram, por motivos de ordem particular. Foi uma medida momentanea que em breve será desfeita.

São Miguel Fausto Rocha e Celia de Montalvan, aliás esta ultima a "estrella". Politica? Não entendi.

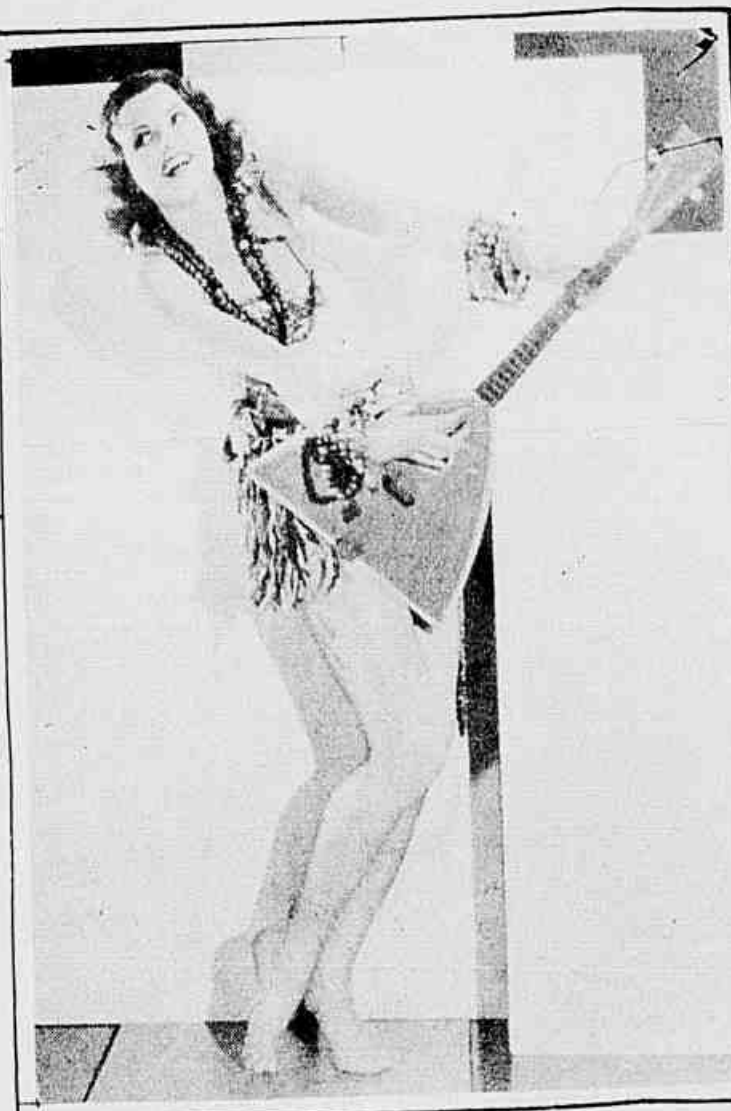
BASTOS MORENO (Recife, Pernambuco) — Sua critica é muito serena e muito consciencios a. Apreciei, confesso. Obrigado pelo recorte e pela attenção. E' elle, sim, ganhou a aposta. Até logo, Bastos. Volte.

LUCY DARLEY (Rio) — "Welcome home", Lucy! E aqui, como sabe, sempre satisfeito por conversar comsigo. Interessante o que me contou a respeito do film a que assistiu. Elles se casaram. Os outros dois, presentemente inactivos. Acho-a lindinha, sim. Tem toda razão e muito gosto. Continua. Eu lhe disse a seu respeito o que me pediu que dissesse, mas elle perguntou quem era. Daqui a 6 mezes, só? Por que? Não me faça esperar tanto tempo... Foram varias, Lucy.

MARIA SANCHES (S. Paulo) — E' rua Abilio, 26, Rio de Janeiro.

SVEN (Curityba, Paraná) — Não aborrece, não. E', até, dos meus bons amigos! O film não parou, amigo Sven, mas ella sahiu do Cinema. Sobre Clara Bow, leia a resposta dada a Nils Norton. E' verdade, sim. Existe o "Los Angeles Times", sim. E' muito grande e por este motivo tem sido retardada, mas sahirá no proximo numero, creio. São innovações para vocês mesmos e o applauso apenas conforta e anima a continuar melhorando. Até logo!

MARQUEZ DE SAINT ROMAIN (São Paulo) — Interessantes os seus commentarios, amigo e nobre Marquez. Você tem toda a razão. Nancy Carroll, Paramount Publix Studios, Long Island, New York. Responde, naturalmente. Agradeço os recortes.

MEDROSA (São Paulo) — Tão contente assim? Pois garanto que não fico menos quando leio uma de suas perfumadas e bonitas cartinhas. E que tal o passeio? Gostou? Não me conta nada delle que descance, aqui, o meu trabalho? Quando houver cousa boa e nova você verá, publicada só para você, está bem? Gosto della, sim. Os meus predilec-

*LILLIAN BOND... QUE HOLLYWOOD GANHOU.*

tos?... Ora... Quaes são os seus? Aposto que temos gostos semelhantes. Tem enviado, sim, mas as suas publicações têm sido um tanto ou quanto retardadas e em breve serão postas em dia. Um pouquinho? Que injustiça você me faz, Medrosa! "Muitinho", diga e com razão... Quanto maior a sua cartinha, melhor. E volte logo e quando quizer.

MORENA TRISTE (Rio) — Bravos! A minha assidua amiguinha que tudo sabe e tudo vê! Como tem passado? Tem razão. Elle disse a verdade á você. Pensei que fosse, sim, mas já que você diz que não... Já adivinhou? Você é que pensa que adivinhou, Moreninha levada da breca! Volte sempre, Morena e veja se "descobre" mais cousas.

# Pergunte-me outra...

SATIRO BORBA (Rio) — 1.° Não tem endereço certo. Tente Superfilm, Markgrafenstrasse, 21, Berlin; 2.° Solteira; 3.° Está na Monogram Pictures, fazendo films de "far west". Decadencia, hein? 4.° Exaggero forçado de uma situação qualquer; 5.° Procure no proprio Studio o gerente e consiga a licença. Pois mande quando quizer.

LINDOYA AMAZONAS (Manáos, Amazonas) — Você tem toda razão e o seu enthusiasmo é uma cousa que muito me enche de satisfação. Pois continue sempre animada que ainda ha de ter plena satisfação. Se quizer, mande photographias suas. Pois volte quando quizer que a recebo sempre com a maior alegria, Lindoya.

H. MOURA (P. do Sul, Rio) — Bravos! Volte sempre, amigo.

OMAR DOVALLE (Rio) — Pois é só escrever para mim, Operador, rua da Quitanda, 7.

FERRABRAZ (Recife, Pernambuco) — 1.° 34 annos; 2.° Não é verdade; 3.° A's vezes não é preciso saber nenhum... E para que? Mas se souber, melhor; 4.° Envia, sim; 5. Quem foi que disse isso? Dizem que Raquel Torres é que o ama, mas Dorothy Jordan não. Para publicar, amigo Ferrabraz, o soneto não tem applicação, apesar de ser bem feito e curioso.

EDELWEISS (Porto Alegre, R. G. do Sul) — De nada e sempre esperando "outras" que você me dê o prazer de perguntar. Pois volte quando quizer.

RANULIA (S. Salvador, Bahia) — Sapéquinha da Silva, como vae? Você anda avara de letras, papel, sellos e envelopp.s, hein? O que é isso? Paixão ou muito trabalho? Os priminhos ou o capitão-tenente?... Mas esta sua cartinha está muito boa e eu gostei muito do que nella está escripto. Elles responderão opportunamente, Ranulia. Sua opinião sobre o film é muito agradavel e, de facto, representa aquillo que elle é. Mas não se preoccupe tanto com a tal escriptora! Foi um artigo que traduzimos por curiosidade e a elle você não deve dar tamanha importancia. Vender? Ora, Ranulia, que pergunta. Então uma meninazinha boazinha como você merece isso? Vou mandar e fazer o possivel para ser logo. Leia os jornaes e preste attenção nos nomes dos viajantes. Motivos de ordem interna que serão mais tarde revogados, sabe? E' o Decio Murillo, Ranulia. Até logo e.. um beliscão na orelha direita.

RUDY (Jundiahy, S. Paulo) — Você é um bom amigo, sim, e não tem o que agradecer. Se é esforçado, como você diz, vencerá, com certeza. Não sei se está, mas acho que se estiver é em hespanhol. Aqui as respostas que você pede: 1.° Está contractado pela Fox, por um anno; 2.° Deixou, sim; 3.° O primeiro casou-se e o segundo tornará a apparecer e em breve; 4.° Não está, não. Carmen Violeta é a "estrella" e Celso Montenegro o galã. Quanto a Ronald Colman, concordo comsigo. Até logo, Rudy.

NENIA (Rio) — Sarou? Bravos! Mas não "caia" noutra... Não reparo na orthographia moderna, não... Você não vê que é uma menina levadinha e que não é possivel reparar e sim admirar? Vá com calma que será bem succedida. Recebi e agradeço. Não tem perigo: você é conhecida pelas photographias e não tenha medo que se dê o contrabando. Mande as notas, sim, que

*LEE MORAN NA COMEDIA "MY HAREM". E QUE ODALISCAS!*

quero admirar o seu successo. E' John Boles, sim, você ganhou a aposta. Gilbert Roland figura na versão hespanhola, mas a que aqui vão lançar é ingleza, a original. Quando você souber bem, mas bem, mesmo, toca para eu ouvir? Pois volte sempre e quando quizer. Você é curiosissima e interessantissima, garanto.

HULA (Bello Horizonte, Minas Geraes) — Bravos, a minha amiguinha Hula! Ha quanto tempo! Elles chegarão, você verá. E' questão momentanea e duvidar de um futuro melhor é duvidar de nossas proprias qualidades. Não está parado e nem deixará de ser concluido, não. "O Preço de um Prazer" é um dos proximos films da "Cinédia" e reservará surpresas bem agradaveis. E' primo delle, sim. Escreva sempre, Hula, amiguinha da gente, e não passe tanto tempo assim longe do papel e da tinta.

OPERADOR

# Calendario amoroso de 1930

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO PASSADO)

SETEMBRO DE 1930.

2. — Vivienne Sangler acciona Maurice Costello e pede 100.000 dollars de indemnização. Allega que elle roubou-le o coração e depois a abandonou.

3. — Rudy Vallée nega que tenha promettido casamento a Agnes O'Laughlin que lhe pede 200 000 dollars de indemnização.

3. — Rita Kaufman pede divorcio de Albert Kaufman, gerente de producção. Incompatibilidade.

3. — John Garrick casa-se com Harriett Bennett, terminando, assim, com os rumores de paixão sua por Maureen O'Sullivan.

8. — Jean Harlow ganha questão e permanece de posse dos 200.000 dollars de deposito que seu marido Charles F. Mc Grew fôra obrigado a fazer, depois do divorcio.

17. — Edwina Booth é accionada pela esposa de Duncan Renaldo na importancia de 50.000 dollars, allegando que ella roubou, emquanto filmava "Trader Horn", na Africa, a affeição de seu marido.

18. — Doris Kenyon enviuva, com a morte brusca de Milton Sills na quadra de "tennis" de sua casa, victima de um collapso cardiaco.

19. — Faith Cole Mc Lean consegue um divorcio em Reno do seu marido Douglas. "Elle ama outra", allega ella.

22. — Alma Rubens requer divorcio de Ricardo Cortez, seu marido.

26. — Jocelyn Lee divorcia-se de Luther Reed.

29. — Dixie Lee casa-se com Bing Vrosby e passam a lua de mel na casa de Sue Carol e Nick Stuart.

OUTUBRO DE 1930.

4. — Lila Lee annuncia, do Arizona, onde se acha, que se vae casar com John Farrow, tão depressa recupere sua saude abalada.

7. — Marie Mosquini e Lee De Forrest, inventor conhecido, contractam casamento.

8. — Blanche Sweet pede permissão ao juiz, num processo de divorcio, para desligar o nome de Marshall Neilan da sua vida.

8. — Ernst Lubitsch dá uns sopapos e leva outros de Hans Kraly, conhecido scenarista, sendo tambem agredido no nariz por sua esposa, numa festa dada no Embassy por Mary Pickford.

11. — Jetta Goudal casa-se com Harold Grieve, decorador de montagens.

11. — Viola Dana casa-se com Jimmy Thompson, jogador profissional de "golf".

12. — Pola Negri pede divorcio, em Paris, do principe Serge M'divani.

14. — O casal Robert Montgomery augmenta a população americana.

16. — Gloria Swanson admitte o seu divorcio do Marquez.

17. — Jeanette Loff livra-se de Marry Rosebloom e já contracta outro "laço" com Walter D'Keefe.

18. — Betty Boyd mostra intenções de se fazer esposa de Charles Henry Over.

18. — Yola D'Abril e Edward Bard procuram casamento.

19. — Lewis Stone casa-se, em Yuma, Arizona, com Elizabeth Woof. Miss Woof, na data de anniversario, allegou ter 24 annos de idade.

20. — Os jornaes de New York annunciam o provavel casamento de Lillian Gish com George Jean Nathan.

26. — Lawrence Tibbett nega que se queira divorciar.

28. — O nome de Billie Dove anda muito ligado ao de Hovard Hughes, annunciam os jornaes. Espera-se um casamento.

NOVEMBRO DE 1930.

7. — Dorothy Lee e James Fidler casam-se em Santa Barbara.

9. — Mae Clarke annuncia o seu casamento com John Mc Cormick, ex-marido de Colleen Moore.

14. — Gloria Swanson consegue divorcio e nem por isso sente-se mais feliz do que antes.

17. — Joan Bennett nega que se tenha casado secretamente com John Considine.

27. — Will Hays casa-se com Mrs. Jessie Stutesman, em Edgemore, Maryland.

DEZEBRO DE 1930.

12. — Mrs. Tom Mix pede divorcio de seu marido "cow boy". Diz que elle até "revolvers" já lhe apontou. Tom, nega. Diz que só se foi em sonhos...

16. — Douglas Fairbanks revela secretas possibilidades para uma excursão pela India. Mary e Douglas tornam a negar que se queiram divorciar.

18. — Lydell Peck chega-se ao leito de hospital onde Janet está doente. Nega mais uma vez qualquer especie de divorcio, entre ambos.

23. — Dorothy Sebastian casa-se com Bill Boyd, em Las Vegas.

23. — Natalie Noorhead e Alan Grosland casam-se em Yosemite, debaixo das luzes de uma arvore de Natal.

24. — Marjorie Crawford, aviadora, mostra sérias intenções de se fazer esposa do director Willian Wellman, especialista em negocios de aviação.

29. — Marcelline Day annuncia o seu noivado com Arthur J. Klein, de Los Angeles. E' o ultimo acontecimento deste calendario amoroso para 1930.

# O caminho da Santa Fé

( F I M )

E é assim que elle termina o seu incitamento contra Stan Hollister...

Um delles, emquanto os outros se atiram contra **Spanish Acres** em brutal sêde de vingança, filho de Sutaneck e amigo de Stan, corta por um atalho e vae avisar a fazenda do ataque, pois não crê na historia de Marc e, além disso é amigo de Stan, cujas qualidades de alma e coração bem conhece. Lá chegando, entretanto, encontra a noticia que Joe e Emilita tinham dado dos acontecimentos. Apesar de Don Juan não dar credito aos pequenos, cede ante o que lhe conta o indio. Este, por sua vez, em companhia de Brady e por este excitado a uma cilada contra Coulard, procuram o homem no seu escriptorio. O indio, á janella, observa e Brady é quem entra.

— Vim prendel-o pelo assassinato d eSutaneck amigo!

E antes que termine, já tem as pistolas de Marc voltadas contra si.

— Creio que és unica testemunha, amigo... Mas como és "unica" que sabe que fui eu o assassino, é melhor que te cales para sempre...

E prepara-se para dar ao gatilho, quando disparos se ouvem e Marc tomba fulminado, aos pés de Brady, varado pelas balas vingadoras do filho de Sutaneck.

O final é sabido. Reconciliação, trato entre Don Juan e Stan e, principalmente, beijos entre este e Maria, beijos, noivado e... casamento...

# RAFFLES

( F I M )

o collar roubado, depois de ter chloroformizado a sua proprietaria, para roubal-a, Raffles toma-o delle, deixando-o impotente para reagir, pois, naquelle momento, qualquer rumor maior representaria a prisão para sempre ou talvez a morte.

Raffles comprehendeu, naquelle momento, que a sua ida para Londres era necessaria e imprescindivel. Mc Kenzie, por sua vez, suspeitoso delle e principalmente de Crawshaw, o qual fôra preso ao saltar dos aposentos de Lady Melrose, por Bunny e um dos inspectores de Scotland Yard, resolve deixal-os partir a ambos, sem nada lhes fazer, apesar do que Lady Melrose fizera do seu collar roubado, afim de seguil-os de perto, podendo, assim, obter seguras informações sobre o roubo e seu autor.

Gwen, em um momento, comprehende a verdade daquillo tudo. Sabia, perfeitamente que tudo aquillo era verdade e, apesar disso, amando-o mais do que nunca tambem segue para Londres, no seu encalço, afim de o avisar sobre a conducta de Mc Kenzie em relação a elle e a Crawshaw. Raffles, profundamente commovido pela attitude da noiva e muito querida Gwen, conjuga, com ella, um plano de fuga e pretendem ambos pol-o em pratica, o mais cedo possivel para, afinal, conseguirem o maior dos socegos, afastados dali para sempre. No meio disso, Mc Kenzie apresenta-se a elle, acompanhado de Lord Melrose e a voz de prisão lhe é dada. Deante disso e já tendo a promessa de Gwen de o esperar em Paris, para, juntos, levarem vida nova e melhor, Raffles não reluta mais e conta que, de facto, fôra elle o ladrão e, mais, que elle era, realmente, o **Ladrão Amador**. Surpresos, todos, pretende Lord Melrose abafar tudo, para evitar escandalos inuteis, quando Mc Kenzie insiste em prendel-o e leval-o para sempre em sua companhia e para Scotland Yard. Raffles concorda e, minutos depois, na frente de todos e nas proprias barbas de Mc Kenzie, evade-se, pela porta falsa de um immenso relogio de parede que existe no seu appartamento e ninguem mais o vê. Disfarçado no proprio capote de Mc Kenzie, Raffles evade-se, antes tirando do proprio Mc Kenzie o sufficiente para salvar a reputação de Bunny e dirige-se á estação Victoria, onde embarca para Paris e para a felicidade.

Para Scotland Yard! Isto é... Não! Vamos antes para a Estação Victoria!!!

Grita elle, imitando o accento escocez do chefe da policia londrina.

— Pois não chefe!

Responde-lhe o **chauffeur**, levando-o para sempre, dali.

Mezes depois, em Paris, casados, Raffles e Gwen gosam a vida mais amorosa e deliciosa de quantos já a conheceram.

✣ ✣ ✣

Irvin Willat estáa planejando filmar **The Pearl Driver**, um drama maritimo de Victor Berge.

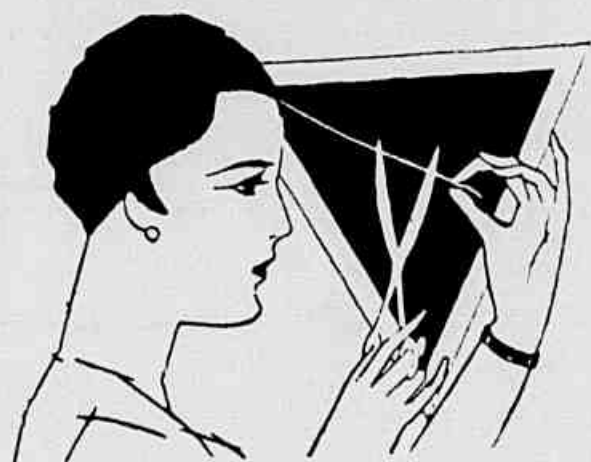
✣ ✣ ✣

Na opinião de William A. Seiter, conhecido director, o melhor de todos os directores existentes, e por existir, é Lewis Milestone.

✣ ✣ ✣

**Just a Gigolo** é o proximo film de William Haines para a M. G. M.

✣ ✣ ✣

**Desert Devils**, da Paramount, dirigido por Otto Brower, terá Richard Arlen como principal interprete e Mary Brian como heroina.

# MARROCOS

(Continuação)

Se a attenção de Tom estivesse attenta, entretanto, teria elle percebido que a mesa de Cezar dispersara, assim que Amy terminara a canção da maçã. Madame Cezar dera uma dor de cabeça como desculpa. A victoria de Tom que elle percebera, offendera a honra de Cezar que se retirara. E La Bessière, sacudido de emoções não menos palpitantes do que as de Tom, sentiu que precisava retirar-se, a menos que desse a parecer aos Cezares o que se passava no seu intimo. Elle tambem percebera o jogo entre Amy e Tom Brown. Aquillo fustigara severamente o seu intimo e o seu orgulho proprio. Sabia que precisava agir e sahira para agir depressa, o mais depressa possivel.

Assim que se despedira dos Cezares, La Bessière entrou pela porta dos fundos do café e esperou no local reservado aos artistas. Queria falar a Amy Jolly e havia de fazel-o antes de mais nada. Elle não estava affeito ao tratamento que ella lhe dispensara e, amor proprio ferido, urgia por uma satisfação. Quando elle mostrou a Lo Tinto o desejo que tinha de se avistar com Amy Jolly, Lo Tinto bajulou-o o quanto poude. La Bessière, ali, era pessoa consideradissima...

— **Monsieur**, creia, é um prazer, uma honra, uma grande honra!!! Espere um instante, sim, emquanto eu mando o recado que tanto me faz orgulhoso?!...

Deixou La Bessière confortavelmente sentado numa poltrona e foi para a porta do camarim de Amy Jolly. Assim que bateu obteve resposta. Vestia ella, quando se avistou com Lo Tinto, um vestido lindissimo de crepe da China e, aliás, um dos que La Bessière ajudara a recompor quando sua mala se abrira, a bordo.

— Cherie! Tenho boas novas para você! La Bessière, elle mesmo, está esperando por você!!!

Amy, preparando-se, ainda, não tirou a attenção do espelho, embora respondendo:

— Sim. E que tem isso?

Sua voz era absolutamente fria, completamente indifferente. Lo Tinto juntou as mãos.

— Cherie! Pois não entende? La Bessière é rico. E', mesmo, o homem mais rico de Marrocos! E' um amante que pequena nenhuma regeita! Pois é elle que está esperando por você...

Amy voltou-se para elle:

— **Monsieur**, eu não sou **pequena** nenhuma, entende?...

— Cherie!!! Está doida? Eu jamais vi, aqui, La Bessière interessado por quem quer que seja! Nunca! Elle é distincto demais para estes ambientes. Vamos, não seja tola!

— Eu não vou, cousa alguma!

Sempre interessada na pintura dos labios, respondeu ella. Lo Tinto mudou de tactica. Tornou-se rastejante.

— Cherie... Elle está em meu escriptorio. Vá vel-o, sim? Por mim, pelo negocio, por tudo que aqui está, mostre-se á elle, peço eu a você! Fale com elle, sim?

As mãos calmas de Amy Jolly, rapidas, arrumaram tudo que ali estava sobre a penteadeira ao chão. Nervosa, olhos em fogo, ergueu-se e olhou para Lo Tinto, estupefacto, gritando-lhe, violenta, em seguida:

— Eu nada tenho a ver com esse senhor, entendeu?!... Diga-lhe o que quizer. Eu não o quero ver. O meu contracto comsigo é para cantar. Serei agradavel aos seus freguezes, mas no interior do seu café. Fóra delle, sou livre dona dos meus passos e do meu nariz!!! E' rico, hein?... Estou com essa raça por aqui, amigo!!! Por aqui, entendeu?...

E levava a mão á garganta, contando-a com o dedo, illustrando com gestos suas violentas palavras. Depois, sahiu, impetuosa e deixou Lo Tinto sem palavra, no meio da sala. Quando conseguiu recompor suas idéas, dirigiu-se elle para La Bessière.

— Mademoiselle está indisposta, **monsieur**! Hoje ella teve um dia cheio. A excitação da estréa, a sua victoria retumbante... Tudo isto a fatigou intensamente. Um milhão de desculpas, **monsieur**! Talvez amanhã ou depois...

La Bessière erguera-se. Um jogo de sobrancelhas deu a mostrar que elle não estava de bom genio.

— **Talvez...**

Exclamou elle entre dentes, frizando... Se alguem conseguisse ler o seu intimo, descobriria nelle, com certeza, toda a sua intima agitação e a phrase que elle não disse, mas que intimamente ruminara...

"Talvez, não! Com certeza!!! E depressa!!!"

Amy dirigiu-se para sua casa, a pouca distancia do café. Estava cansada, irritada. Além disso, sózinha. Sabia, perfeitamente, que se andasse vagarosa, chamaria attenção e isto significaria, depois, palavras murmuradas aos seus ouvidos, bem canalhas e mais uma serie de perseguições que ella naquelle momento não estava para supportar. Na vida, havia para ella ainda muitos mysterios. Numa cidade da parte Oeste do mundo, poderia ter aquillo que quizesse. No emtanto, o horror daquella vida de canalhices é que a fizera cahir até Marrocos. Ella amava o companheirismo, mas sabia que bem poucos o comprehendiam... Ella tinha falta, no seu intimo, de uma boa amisade, uma sã amisade. Era simples entrar em sua casa. Ella se esquecera de fechar a porta, quando entrara. E por que fechar?

**(Continúa)**

MARIAN MARSH
CINEARTE

VINO VITA
VINHO DA VIDA
RESTAURADOR
DAS FORÇAS
PHYSICAS e
MENTAES